

AS SETE TROMBETAS E OS SETE ÚLTIMOS FLAGELOS

Pr. Albino Marks

Em Apocalipse 8, o profeta João relata a visão da abertura do sétimo selo, onde acompanhou uma sequência de acontecimentos no santuário do Céu que culmina com a visão de sete anjos diante do trono de Deus que receberam sete trombetas para tocá-las em momentos determinados (Ap 8:1-6).

Antes de esses sete anjos receberem a ordem para tocar as suas trombetas, acontece a primeira manifestação do poder e da Soberania de Deus com *“trovões, vozes, relâmpagos, e um terremoto”* (Ap 8:5, NVI).

Na sequência dessa manifestação, os sete anjos começam a tocar as suas trombetas anunciando que a batalha final do Armagedom do grande conflito cósmico de conceitos espirituais começará e os juízos de condenação e destruição serão executados contra o “suposto” reino de Satanás.

Antes de iniciar *“a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso”* (Ap 16:14, NVI), com os sete flagelos destruidores do poder Deus, do “suposto” reino de Satanás, o mundo estará dividido em duas classes bem distintas: os servos de Deus que foram selados nas testas com o selo de Deus (Ap 7:3); *“aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), mas têm *“a marca da besta”* (Ap 16:2, NVI).

“Dois grandes poderes opostos são revelados na última grande batalha. De um lado está o Criador do Céu e da Terra. Todos que se encontram do seu lado têm o seu selo. Eles são obedientes as Suas ordens” (EF, p. 215). *“O Capitão do Exército do Senhor estará à*

frente dos anjos do Céu para dirigir a batalha” (ME, p. 426). Do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião” (EF, p. 215).

“Os que escolheram a apostasia e a rebelião”, envolve em primeiro plano os anjos rebeldes que se uniram a Satanás, no Céu, contra o governo de Deus. Em segundo plano estão todos os pecadores impenitentes que rejeitaram a oferta da graça de Deus por meio de Cristo Jesus, e são reunidos pelos espíritos de demônios para a batalha do Armagedom.

“Será travada a batalha do Armagedom. E nesse dia nenhum de nós deverá estar dormindo. Precisamos estar bem despertos, como as virgens prudentes, tendo azeite em nossas vasilhas com nossas lâmpadas. O poder do Espírito Santo deve estar sobre nós, e o Capitão do Exército do Senhor estará à frente dos anjos do Céu para dirigir a batalha. Solenes acontecimentos ainda ocorrerão diante de nós. Soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra” (ME, v. 3, p. 426).

Compreende-se por estas declarações de Sua mensageira, que Deus relaciona os acontecimentos preditos por meio do profeta João, das sete trombetas e das sete últimas pragas, como integrantes da batalha final do Armagedom, que determina o fim do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

O grande conflito espiritual teve o seu início no Céu, entre Miguel, Cristo, o Criador de todo o Universo, e Lúcifer, a mais honrada criatura, que se transformou em Satanás: *“então estourou a guerra no céu. Miguel e os seus anjos lutaram contra o dragão. Também o dragão e os seus anjos lutaram, mas não conseguiram*

sair vitoriosos, e não havia mais lugar para eles no céu. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:7-9, NAA).

Deus, em Sua onisciência e presciência, determina e controla todos os acontecimentos: *“Lembrem-se das coisas passadas, das coisas da antiguidade: que Eu sou Deus e não há outro semelhante a Mim. Desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antiguidade revelo as coisas que ainda não sucederam. Eu digo: o Meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a Minha vontade” (Is 46:9, 10, NAA).*

Ellen G. White comentando a onipresença de Deus, declarou: *“Coisa alguma pode acontecer em qualquer parte do Universo, sem o conhecimento dAquele que é onipresente. Nem um acontecimento sequer da vida humana é desconhecido a nosso Criador” (MM, 1959, p. 61).*

Todos os acontecimentos são previstos por Deus. Nada do que acontece escapa à Sua percepção e o declara de modo inquestionável e irrefutável: *“o Meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a Minha vontade” (Is 46:10, NAA).*

Nesse contexto, os acontecimentos da história da humanidade são determinados pelas predições das profecias bíblicas. É Deus, quem revela aos Seus servos os profetas, as profecias predizendo os acontecimentos e os faz ocorrer no tempo determinado, tornando-os acontecimentos históricos da humanidade

Muitos já se preocuparam e muitos ainda se preocupam para determinar o glorioso dia da volta de Jesus, e estar prontos para esse

maravilhoso acontecimento. As Escrituras em verdade enfatizam o preparo, vigiai, em todo o tempo de espera, porque a volta de Jesus acontecerá inesperadamente. Jesus fez a importante advertência: *“vigiem, [...] vocês também precisam estar preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam”* (Mt 24:42, 44, NVI).

A primeira profecia bíblica, determinando o período da temporalidade do pecado tem o acontecimento do seu começo, a queda de Adão (Gn 3:15, e tem o acontecimento que determina o seu fim, a destruição de Satanás e os demônios no final dos mil anos (Ap 20:7-9), mas não determina a exata extensão do período. Jesus respondendo para os discípulos à pergunta sobre o tempo da restauração, declarou: *“não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade”* (At 1:6,7, NVI).

Há profecias bíblicas que predizem o período de tempo entre o acontecimento que determina o seu início e acontecimento que determina o seu fim. Sobre o período das setenta semanas, o profeta Daniel recebeu orientações: *“sabe e entende: desde a saída da orem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta duas semanas”* (Dn 9:25, ARA). Deus especificou um acontecimento para o começo e outro, para o fim. O período mais longo desse modelo de profecia também foi revelado para o profeta Daniel: *“Ele me disse; ‘isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs, então o santuário será purificado’”* (Dn 8:14N, VI), alcançado o seu final no ano 1.844. Não há nenhuma profecia com final determinado, marcado, além do final dos 2.300 anos.

Há profecias com acontecimento marcado, mas com tempo de extensão indefinido: a volta de Jesus: *“porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam”* (M. 24:44, NVI).

Três outros acontecimentos de importância suprema, estão preditos, e terão lugar antes da volta de Jesus, mas que também não têm ocorrência determinada, revelada: o decreto da lei dominical, o fechamento da porta da graça e o início da sequência dos sete flagelos.

O decreto dominial está predito: *“também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar ou vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o número da besta ou o número do seu nome”* (Ap 1:16, 17, NVI).

O fim do tempo da graça de Deus determina que todas as questões estarão definidas: *“continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar a justiça; e continue o santo a santificar-se”* (Jo 22:11, NVI).

“Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42).

Por ser desconhecido esse inaudito momento, da troca de vestimentas da graça de Jesus pelas vestimentas de Sua vingança, a vigilância e estar preparado em todo o tempo é de crucial importância em suas consequências eternas.

Sobre o início dos sete últimos flagelos o profeta João declara. *“Então ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: ‘Vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus’* (Ap 1.6:1, NVI). Quando? Depois de fechada a porta da graça. Quando? Depois de promulgado o decreto dominical. Quando? Os acontecimentos estão preditos, mas a sua ocorrência são *“momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade”* (At 1:7, BJ).

Há profecias que têm período de tempo determinado, mas não é possível localizá-las no tempo porque dependem de acontecimentos preditos cuja ocorrência não está revelada: os sete últimos flagelos: *“por isso num só dia as suas pragas a alcançarão”* (Ap 18:8, NVI).

Assim, por Sua vontade, Deus determinou um período de tempo para a temporalidade de Satanás e suas obras de *“engano”*. Completado esse período, Satanás e todos os seus anjos serão totalmente destruídos, aniquilados, no acontecimento que o profeta João identifica como *“a batalha do grande Dia do Deus Todo-Poderoso”* (Ap 16:14, NAA), em um local, simbolicamente chamado Armagedom (Ap 16:16), que envolve o nosso planeta, supostamente reclamado por Satanás como o seu reino sob o seu domínio.

Essa é a batalha final no grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás: *“o Capitão do Exército do Senhor estará à frente dos anjos do Céu para dirigir a batalha”, e “do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião”* (ME, v. 3, p. 426 e EF, p. 215).

“Será travada a batalha do Armagedom. [...] Soará uma trombeta após a outra” (ME, v. 3, p. 426), anunciando os juízos de

Deus em sua sequência, e *“uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra”* (ME, v. 3, p. 426).

Estas declarações interpretativas determinam que os acontecimentos anunciados pelas sete trombetas, em relação ao nosso tempo, ainda não aconteceram, mas acontecerão no tempo determinado por Deus, no futuro, quando será travada a batalha final do Armagedom, com o exército de Cristo confrontando o exército de Satanás, atacando e destruindo o seu reino e determinando o fim absoluto do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

Portanto, os acontecimentos anunciados pelas sete trombetas ainda não são históricos, mas predições escatológicas. Como suas predições acontecerão durante o período dos últimos sete flagelos, por uma questão óbvia, nunca se tornarão históricos. Esta interpretação faz sentido?

Aceitando que o cumprimento da predição de João, dos acontecimentos das sete trombetas, ainda está no futuro, é preciso cautela na interpretação.

O profeta Isaías teve a visão da intervenção de Deus no final do grande conflito cósmico espiritual: *“Porque eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros de guerra, como uma tempestade, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada o Senhor entrará em juízo com toda a humanidade; e serão muitos os mortos da parte do Senhor”* (Is 66:15, 16, NAA).

“Chegará o estrondo até a extremidade da Terra, porque o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo com toda a carne; os perversos entregará à espada”. (Jr 25:31). Durante 6 mil

anos, o grande conflito esteve em andamento. O Filho de Deus e Seus mensageiros celestiais estavam em guerra contra o poder do maligno para advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora todos tomaram sua decisão; os ímpios se uniram completamente a Satanás em sua luta contra Deus. É chegado o tempo para Deus reivindicar a autoridade de Sua lei que foi desprezada. Agora a controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações’; ‘os perversos entregará à espada’” (GC₁ p. 543).

No Céu a controvérsia dos conceitos espirituais começou com Lúcifer, tornando-se Satanás. Na Terra, com a sua vitória sobre Adão, induzindo o ser humano à rebeldia contra Deus e à prática do pecado, durante seis mil anos a controvérsia continuou com Satanás contra Deus e Cristo Jesus, enganando e disputando o domínio sobre os seres humanos. Com a queda de Adão, Deus revelou o plano da Sua justiça e graça eternas do plano da redenção, “*conhecido antes da criação do mundo*” (1Pe 1:20, NVI), para resgatar o ser humano do domínio de Satanás, por meio de Cristo Jesus, que por direito de criação pertence a Ele.

Quando Cristo sair do santuário celestial e fechar a porta da graça, “*a controvérsia não (será) somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações’; ‘os perversos entregará à espada’” (GC₁ p. 543), [...] “o Senhor entrará em juízo com toda a humanidade” (Is 66: 16, NAA).* E então, os juízos de Deus, por meio dos últimos sete flagelos, atingirão em primeira sequência, os seres humanos que rejeitaram a Sua justiça e a Sua graça e não receberam o Seu selo de propriedade e

proteção. O ajuste contra Satanás, o autor da rebelião, e os seus demônios, ocorrerá no final dos mil anos da prisão de Satanás.

A porta da graça é fechada. Na continuidade de sua visão, João viu *“sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”*. (Ap 8:2, NAA).

Em seguida viu um anjo com um incensário de ouro aproximando-se do altar. *“A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos”* (Ap 8:3, NVI).

Esse ato de *“muito incenso para oferecer”* (Ap 8:3, NVI), é a resposta às orações dos santos e a garantia da proteção de Deus de Sua propriedade em face dos acontecimentos iminentes ao soar das sete trombetas. Os santos permanecerão durante o período das sete trombetas e das sete últimas pragas sem o intercessor, e o incenso, a provisão da graça de Deus é feita com superabundância. *“Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Durante esse tempo terrível, os justos devem viver à vista de um Deus santo, sem intercessor”* (GC, p. 510).

Uma questão muito importante em relação ao anjo junto ao altar, é, quem realmente ministra no santuário celestial em favor dos santos?

O apóstolo Paulo, além de outras, fez essa declaração: *“pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; ele entrou nos céus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor”* (HJb 9:24, NVI).

Portanto, quem o profeta João vê ministrando no santuário celestial, é o próprio Cristo, como sumo sacerdote eterno.

Ellen G. White também assim interpretou esse lance do profeta Joao: *“então vi Jesus, que estivera ministrando diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e, e com grande voz disse: ‘está feito’”* (PE, p. 279).

Cristo, encheu o incensário *“com fogo do altar e lançou-o sobre a terra”* (Ap 8:3-5, NVI), proclamando a inquestionável certeza de que chegou o momento decisivo da batalha do grande conflito entre Cristo e Satanás.

Em suas visões, o profeta descreve esse momento com maiores detalhes: *“Vi no céu outro sinal, grande e maravilhoso: sete anjos com as sete últimas pragas, pois com elas se completa a ira de Deus. {...} Depois disso olhei e vi que se abriu nos céus o santuário, o tabernáculo da aliança. Saíram do santuário os sete anjos com as sete pragas. Eles estavam vestidos de linho puro e resplandecente, e tinham cinturões de ouro ao redor do peito. E um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. O santuário ficou cheio de fumaça da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuário enquanto não se completassem as sete pragas dos sete anjos”* (Ap 15:1, 5-8, NVI).

Apagado o fogo do altar no santuário do Céu, esse enche-se da fumaça da glória e do poder de Deus, cessa a intercessão, termina a misericórdia, finda a graça e a porta da arca da salvação é fechada.

Acontece então, a proclamação do início da batalha final contra Satanás e todas as forças do mal de seu “suposto” reino, com a primeira poderosa manifestação do inquestionável poder e da Soberania de Deus: *“e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:5, NVI).

“Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42).

“Logo o mundo será abandonado pelo anjo da misericórdia, e as sete últimas pragas estão para ser derramadas. [...] Os raios da ira de Deus estão prestes a cair, e quando Ele começar a punir os transgressores, não haverá um período de pausa até ao fim. A tempestade da ira de Deus está se acumulando, e só permanecerão os que são sanificados pela verdade no amor de Deus. Serão escondidos com Cristo em Deus até que passe a desolação” (TM, p.182).

“Será travada a batalha do Armagedom. [...] Solenes acontecimentos ainda ocorrerão diante de nós. Soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra” (ME, v. 3, p. 426), porque a controvérsia que durante seis mil anos era com Satanás, fechada a porta da graça, também envolve os pecadores rebeldes que rejeitaram o amoroso convite da graça de Deus.

“Vós o vereis e o vosso coração se regozijará; os vossos membros serão viçosos como a erva; a mão de lahweh se revelará aos Seus servos, mas a Sua cólera, aos Seus inimigos. Com efeito, lahweh virá no fogo, com os Seus carros de guerra, como um furacão, para acalmar com ardor a Sua ira e a Sua ameaça com chamas de fogo. Sim, por meio do fogo lahweh executa o julgamento, com a Sua espada, sobre toda a carne; muitas serão as vítimas de lahweh” (Is 66:14-16, BJ).

As trombetas e o povo de Israel. Entre o povo de Israel a trombeta tinha um uso bastante diversificado, e pelo menos havia dois modelos de trombetas. Ainda junto ao monte Sinai, Deus orientou Moisés, para fazer *“duas trombetas de prata batida. Elas serão usadas por você para convocar a congregação e para dar sinal de partida. [...] Quando, na sua terra, vocês saírem a lutar contra os inimigos que os oprimem, também tocarão as trombetas na forma de alarme”* (Nm 10:2, 9, NAA).

O toque da trombeta podia significar ordem de partida, ordem de parada, isto, na marcha pelo deserto para a terra de Canaã (Nm 10:6, 7). Lá estabelecidos, o toque de trombetas convocava o povo para as festas de alegria e para os diferentes sacrifícios.

Também usavam as *“trombetas de chifre de carneiro”* (Js 6:4), o shofar, para diversificadas convocações.

Um importante toque de alarme convocava o povo para a guerra, contra os inimigos (Nm 10: 9, 10). Na conquista da cidade de Jericó, *“sete sacerdotes, com as sete trombetas de chifre de carneiro diante do Senhor, passaram e tocaram as trombetas; e a arca da aliança do Senhor os seguia”* (Js 6:8, NAA).

A conquista da cidade de Jericó sugere algumas ideias bem interessantes: Israel começou a tomar posse da sua herança, a terra prometida; os habitantes da terra prometida deviam ser destruídos, aniquilados, por causa da sua maldade e rejeição da Soberania de Deus; essa missão devia ser precedida pelo soar das trombetas, anunciando a ação Deus; o toque era de sete trombetas tocadas por sete sacerdotes; a ação de Deus estava manifesta na presença da arca da aliança; a destruição dos rebeldes aconteceria por meio de uma poderosa manifestação de Deus.

Essa intervenção de Deus, dando início a destruição dos habitantes de Canaã, não estabelece uma similaridade típica com o soar das sete trombetas tocadas por sete anjos, *“que estão em pé diante de Deus”* (Ap 8:2, NAA), seguido por sete anjos que recebem ordem *“vinda do santuário”*, onde se encontra a arca da aliança e o trono de Deus (Ap 16:1, NAA), para executar os juízos correspondentes, sobre o “suposto” reino de Satanás, destruindo todos os pecadores que rejeitaram a Soberania de Deus?

A “voz” que comanda. Sobre o grande conflito cósmico espiritual nos seus acontecimentos finais, Ellen G. White declarou: *“estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança”* (TI, v. 8, p. 42)

Atente-se para essa questão muito importante sobre a ordem para os sete anjos com os sete últimos flagelos: *“Então ouvi uma forte voz, que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: ‘vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus’”* (Ap 16.1, NVI). Esses sete anjos foram vistos por João em visão anterior, registrada no capítulo 15, onde o profeta adiciona alguns detalhes significativos: *“Depois disso olhei e vi que se abriu nos céus o santuário, o tabernáculo de Deus. Saíram do santuário os sete anjos com as sete pragas, [...] O santuário ficou cheio da fumaça da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuário enquanto não se completassem as sete pragas dos sete anjos”* (Ap 15:5-8, NVI).

Na visão, o profeta vê os sete anjos com as sete taças das pragas, sair do santuário e este se encheu com a glória de Deus e do Seu poder.

Em Apocalipse 8, o profeta João já teve uma visão de sete anjos relacionados com os juízos de Deus: *“Vi os sete anjos que se achavam em pé diante de Deus; a eles foram dadas sete trombetas. Outro anjo, que trazia um incensário de ouro, aproximou-se e se colocou em pé junto ao altar. [...] Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra, e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:1-5, NVI).

O profeta viu outros sete anjos que estão em pé diante de Deus, e a eles foram dadas sete trombetas. Mais um anjo com um incensário se aproxima do altar. Já demonstramos que esse *“outro anjo”*, é Cristo Jesus ministrando no santuário celestial. Cristo encheu o incensário com fogo do altar e o lançou sobre a Terra, *“e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto. Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las”* (Ap 8:5, 6, NVI).

O profeta não faz nenhuma referência à *“voz”*, ordenando o toque das sete trombetas, mas passa a relatar a sequência do toque de cada trombeta. Somente em relação a sexta trombeta declara que ouviu *“uma voz que vinha das pontas do altar de ouro que está diante de Deus. Ela disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: ‘soltem os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’* (Ap 9:14, NVI).

Para quem é dada a ordem para soltar os quatro anjos: *“O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e secaram-se as suas águas para que fosse preparado o caminho para os reis que*

vêm Oriente” (Ap 16:12, NVI). A ordem do anjo da sexta trombeta é dada para o sexto anjo com a sua taça da ira de Deus que executa a ordem.

De quem é essa voz que ordena ao sexto anjo com a sua trombeta que proclame a ordem para soltar os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates, preparar o caminho para os reis que vem do Oriente e determina acontecimentos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás?

Para executar o castigo, a voz dá a ordem de comando para os sete anjos com as suas taças da ira de Deus. Em relação ao toque das sete trombetas, no entanto, somente na sexta trombeta uma voz comanda e determina o que deve ser feito. Como entender?

Até o quinto flagelo, as consequências aumentam em magnitude com insuportáveis sofrimentos. Os atingidos, aqueles que não têm o sinal da proteção de Deus na testa, a graça manifestada por Jesus: *“desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI).

No sexto flagelo, sob a ordem da gloriosa voz do Soberano do Universo, o poderoso exército do Céu entra em ação. Tal como aconteceu na morte dos primogênitos na meia noite no Egito, o exército de anjos exterminadores é solto para executar a sua obra letal de aniquilamento completo do pecado e dos pecadores, em primeira instância, de um terço da humanidade que não tem o selo de Deus na testa.

Como o Universo é regido por leis que estabelecem perfeita ordem, conclui-se que no Céu, onde está o santuário e o trono de Deus, e de onde parte a “voz” que determina todas as ações do

grande conflito entre Cristo e Satanás, que tudo é realizado sob o comando do poder Soberano que está assentado no trono: Deus.

Esta maneira de descrever os dois acontecimentos, o soar das trombetas e o derramar das pragas se desenrolando a partir do santuário nos Céus, comunica a ideia de que João viu em duas visões distintas, projetadas no céu atmosférico, sete anjos com trombetas para transmitir a ordem de ação, e outros sete anjos com as *“taças da ira de Deus”* (Ap 16:1, NVI), para executar a ordem. O santuário é o local onde se encontra o trono de Deus, o Soberano do Universo. Portanto, as ordens para determinar a ação e para executá-la, partem do trono de Deus: *“ouvi uma forte voz que vinha do santuário” [...] “e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 16:1 e 8:5, NVI).

As cenas que aparecem são de um campo de batalha, mas onde as armas não são de poder bélico material, e sim, de poderosas manifestações destruidoras sobre a natureza, a vida animal e humana, pelo poder de ordem da poderosa Palavra de Deus.

Por meio do poder da Sua Palavra criou todas as coisas (Sl 33:9); pelo mesmo poder da Sua Palavra decreta a destruição de tudo o que foi contaminado e corrompido pela temporalidade do pecado. Deus, com pesar, destruirá tudo o que criou em nosso planeta, para glorificá-Lo, mas que com o espírito de rebelião, rejeitou a Sua soberania de justiça e amor.

Quando Jesus termina a Sua obra intercessora da graça, *“pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra, e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:1-5, NVI).

Assim como proclamou sobre a cruz antes de entregar a Sua vida para ratificar a redenção do ser humano do domínio de Satanás: *“está consumado”*, do mesmo modo Jesus, por meio do ato de lançar o fogo do altar sobre a Terra, declara que a Sua obra da graça redentora está completa: *“continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se”* (Ap 22:11, NVI).

“Quando Jesus sair do santuário, os que são santos e justos serão santos e justos ainda; pois todos os seus pecados estarão apagados, e eles selados com o selo do Deus vivo. Mas aqueles que forem injustos e sujos serão injustos e sujos ainda” (PE, p. 48).

“Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42), e Sua “voz” comanda os atos finais do grande conflito contra Satanás.

Os sete anjos preparados (Ap 8:6), ao toque de sua trombeta, obedecendo a “voz” de comando do Soberano do Universo, determinam a sequência dos alvos que devem ser atingidos pelo poder destruidor *“da ira de Deus”* (Ap 16:1, NAA), e cada anjo com a sua taça, executa a ordem lançando sobre o alvo designado o seu flagelo, sem misericórdia.

Fechada a porta da graça, *“soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra”* (ME, v. 3, p. 426), até o momento em que *“o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: ‘Está feito!’ Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem*

existe sobre a terra” (Ap 16:17, 18, NVI), e acontece a volta de Jesus em glória e majestade.

O poder destruidor das pragas. Outro detalhe muito importante do período das sete trombetas e das sete pragas, é que o castigo não atinge apenas os seres humanos, mas de maneira muito evidente revela que o grande conflito cósmico espiritual envolve Cristo contra Satanás, o seu “suposto” reino e todos os seus demônios.

As declarações da mensageira de Deus são enfáticas: *“quando Ele começar a punir os transgressores, não haverá um período de pausa até ao fim. [...]”* (TM, p.182). *“Soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra”* (ME, v. 3, p. 426).

Comentando sobre o dilúvio, a pena inspirada declarou: *“A água parecia vir das nuvens em grandes cataratas. Os rios romperam suas margens e inundaram os vales. Jatos de água irrompiam da terra, com força indescritível, arremessando pedras maciças a muitos metros de altura, que, ao caírem, enterravam-se profundamente no solo. [...] À medida que a violência da tempestade aumentava, árvores, edifícios, pedras e terra, eram lançados para todos os lados. [...] O próprio Satanás, obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu por sua existência* (PP, p. 71).

No dilúvio, Deus não atuou para destruir Satanás, mas ele, *“obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu por sua existência”*.

Se Deus obrigou Satanás a permanecer no meio dos elementos em fúria, durante o dilúvio, ele e seus demônios não serão poupados

do período das pragas. O castigo atingirá os demônios, mas não os destruindo. A destruição exterminadora acontecerá no final do milênio.

O profeta Malaquias predizendo essa destruição total, declarou: *“pois eis que vem o dia, queimando como fornalha. Todos os soberbos e todos os que praticam o mal serão como a palha; o dia que vem os queimará, diz o Senhor dos Exércitos, de modo que não lhes deixará nem raiz nem ramo”* (Ml 4:1, NAA).

“Todos os soberbos e todos os que praticam o mal”, envolve Satanás, seus demônios e todos os pecadores que a ele se uniram na rebelião contra o Reino de Deus, a Sua justiça e o Seu amor. Todos serão como palha, no dia da grande fornalha. Esse fogo consumidor, não deixará nem raiz, Satanás, nem ramo, seus demônios e os pecadores rebeldes. *“Nas chamas purificadoras, os maus são finalmente destruídos, desde a raiz até os ramos (Satanás é a raiz, e seus seguidores, os ramos)”* (GC, p. 556).

A sincronia das sete trombetas com as sete pragas. Na sequência, João declara: *“Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las* (Ap 8:6, NVI). Por tudo o que acontece antes dessa declaração, os acontecimentos das sete trombetas que são integrantes do sétimo selo, e começam a ser anunciados e ocorrer depois da sequência de acontecimentos vista e relatada pelo profeta, são, portanto, acontecimentos futuros, escatológicos, que passam a ocorrer na Terra após o fechamento da porta da graça (Ap 8:7-13, 9 e 11:15-19).

O toque das sete trombetas encontra o seu antítipo no toque das sete trombetas determinando a destruição de Jericó, o aniquilamento das nações condenadas por Deus e a conquista da

Terra Prometida. Assim, o toque das sete trombetas apocalípticas, determina os acontecimentos que destruirão a Satanás, o seu “suposto reino”, e proclamam o restabelecimento do Reino de Cristo sobre o planeta Terra, assim, como estabeleceu Israel na terra de Canaã: *“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI).

Esta maneira de compreender o cumprimento dos acontecimentos das sete trombetas harmoniza com as declarações da mensageira de Deus, que são enfáticas: *“quando Ele começar a punir os transgressores, não haverá um período de pausa até ao fim. [...]”* (TM, p.182). *“Soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra”* (ME, v. 3, p. 426).

Essas declarações evidenciam que o soar das trombetas está relacionado com as sete últimas pragas. Nesse contexto, compreendendo que os acontecimentos anunciados pelas sete trombetas são futuros, não compete a nós dizer como todos os detalhes serão executados por Deus. No entanto, somos desafiados ao estudo para obter luz até o limite que Deus revela.

Destacamos uma questão muito importante na maneira de Deus atuar. Assim como em Sua *“grande misericórdia, de acordo com Seu caráter divino, Deus suportou Lúcifer por muito tempo”* (PP, p. 14), do mesmo modo Ele age com a humanidade pecadora e rebelde aos princípios do Seu Reino e às Suas manifestações de amor.

No plano e no cronograma eterno de Deus, *“há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu”* (Ec 3:1, NVI): *“Deus mantém uma conta com as nações. Durante todos os séculos da história deste*

mundo, os maus obreiros têm acumulado, ira para o dia da ira, e quando chegar o tempo em que a iniquidade atingir o limite estabelecido da misericórdia divina, Sua clemência terminará. Quando os números acumulados nos registros do Céu indicarem que o total da transgressão está completa, virá a ira, sem mistura de misericórdia, e então se verá que terrível coisa é esgotar a paciência divina. Essa crise será atingida quando as nações se unirem na invalidação da lei de Deus” (TI, p. 524).

“A substituição do verdadeiro pelo falso é o último ato do drama. Quando essa substituição se tornar universal, Deus se revelará. Quando as leis humanas forem exaltadas acima das leis de Deus, quando os poderes da Terra procurarem obrigar as pessoas a guardar o primeiro dia da semana, saibam que é chegado o tempo para Deus atuar. Ele se levantará em Sua majestade e sacudirá terrivelmente a Terra. Sairá do Seu lugar para punir os habitantes do mundo por sua iniquidade. A Terra descobrirá o seu sangue e já não encobrirá aqueles que foram mortos” (Maranata, 2021, p. 261).

Acompanhemos em pequeno esboço a sincronia das sete trombetas com as sete pragas. A seguir faremos uma análise mais detalhada.

Tanto em Apocalipse 8 como 16, as visões do profeta se centralizam no santuário celestial, porque é nele que se realiza todo o plano da salvação; no santuário se desenvolvem todas as ações de proteção a favor dos santos, e dele partem todas as ações de Deus para a batalha do Armagedom, a destruição do “suposto” reino de Satanás e seus demônios, o castigo e destruição de todos os ímpios. Cada ação terá o seu anúncio pelo respectivo anjo com a sua trombeta e o acontecimento ocorrerá com a ação do respectivo anjo

com a execução da sua taça destruidora “*da ira de Deus*” (Ap 16:1, NAA). São acontecimentos escatológicos preditos que ainda devem ocorrer.

A primeira trombeta é tocada e anuncia juízos sobre a terra. A primeira praga é derramada sobre a terra.

A segunda trombeta proclama juízos sobre o mar. A segunda praga é derramada no mar.

A terceira trombeta anuncia juízos sobre os rios e as fontes de águas. A terceira praga é lançada sobre os rios e as fontes de águas.

A quarta trombeta proclama juízos por meio do Sol, da Lua e das estrelas. A quarta praga é derramada sobre o Sol.

A quinta trombeta envolve uma estrela que caiu do céu, e provoca escuridão, trevas. A quinta praga é derramada sobre o trono da besta que é envolvido por trevas.

A sexta trombeta está relacionada com o grande rio Eufrates. A sexta praga é derramada sobre o grande rio Eufrates.

A sétima trombeta proclama a segunda vinda de Jesus e a restauração do Reino de Deus no planeta Terra. A sétima praga é derramada no ar e ouve-se a proclamação: “*está feito*”.

A primeira trombeta e a primeira praga. “*O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e granizo e fogo misturado com sangue foram lançados sobre a terra. Foi queimado um terço da terra, um terço das árvores e toda a relva verde*” (Ap 8:7, NVI). “*O primeiro anjo foi e derramou a sua taça pela terra, e abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem*” (Ap 16:2, NVI).

A primeira trombeta anuncia granizo e fogo misturado com sangue, e o primeiro anjo com a sua taça da ira de Deus contra o pecado, derrama-a sobre a Terra, e como consequência desses três flagelos: *“granizo e fogo misturados com sangue”* (Ap 8:7, NVI), é atingida a terça parte do reino de Satanás, destruindo a terça parte da vida vegetal (Ap 8:7), e as pessoas são castigadas com *“feridas malignas e dolorosas”* (Ap 16:2, NVI).

O profeta Zacarias, assim descreve o terrível poder dessa poderosa arma destruidora da ira de Deus: *“esta será a praga com que o Senhor castigará todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: a carne deles apodrecerá estando eles em pé, os seus olhos apodrecerão nas suas órbitas, e a língua deles apodrecerá na boca”* (Zc14:12, NAA). Jerusalém, é típico do povo fiel a Deus.

Um detalhe importante que é colocado em destaque é que as pragas atingem as *“pessoas que tinham a marca da besta e que adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NAA).

Assim, a determinação da ordem das sete trombetas é dirigida contra o reino de Satanás e seus súditos, e a poderosa arma de destruição da primeira praga fere com feridas malignas e dolorosas grande número desses súditos humanos do reino de Satanás e inimigos de Deus.

Esse detalhe também aparece na terceira praga, mas identificando os atingidos com aqueles que *“derramaram sangue de santos e profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem”* (Ap 16:6, NAA).

Na quinta praga esse detalhe aparece na proclamação da ordem pelo quinto anjo ao toque de sua trombeta, mas de forma

inversa, determinando que: *“tão somente às pessoas que não tinham o selo de Deus”* (Ap 9:4, NAA), são o alvo das pragas. Na execução da ordem pelo quinto anjo com a sua taça, o detalhe aparece na declaração: *“contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado”* (Ap 16:11, NVI).

“Os ímpios estão cheios de aflição não por causa de sua pecaminosa negligência para com Deus e seus semelhantes, mas porque Deus venceu. Lamentam, que o resultado seja o que é, mas não se arrependem de sua impiedade. Se pudessem, não deixariam de experimentar todo e qualquer meio para vencer” (GC, p. 542).

Da mesma forma, na proclamação da sexta trombeta é declarado que o castigo é lançado sobre aqueles que *“não se arrependeram das obras das suas mãos; eles não deixaram de adorar os demônios e os ídolos”* (Ap 9:20, NAA).

Na sétima praga a ênfase do detalhe é colocada na declaração da execução da ordem de que *“Deus se lembrou da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira”* (Ap 16:19, NAA).

Outro detalhe também importante é que os atingidos pelas pragas, sofrem as consequências dos flagelos, mas não morrem.

Como os alvos dos ataques do exército do Senhor não são universais, mas regionais, podemos compreender que o primeiro objetivo é constituído por uma terça parte dos súditos humanos do reino de Satanás.

“Estas pragas não são universais, caso contrário os habitantes da Terra seriam completamente exterminados. Contudo, serão os mais terríveis flagelos nunca antes experimentados por mortais. Antes do fim do tempo da graça, todos os juízos sobre os seres

humanos foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas, no juízo final, a ira é derramada sem estar misturada com a misericórdia” (GC, p. 522).

Um terço. Da primeira à quarta e à sexta trombetas, é declarado que um terço de determinado alvo é atingido. Com o que relacionar esse um terço? Avaliemos esse detalhe muito importante e interessante nessa sincronia das sete trombetas com as sete pragas.

Quando Satanás foi expulso do Céu, é declarado que com o seu poder de engano, com a *“sua cauda arrastou consigo um terço das estrelas do céu”* (Ap 12:4, NVI).

Para Jesus, no primeiro ataque direto depois de Sua unção para as batalhas decisivas do grande conflito cósmico espiritual, Satanás *“mostrou todos os reinos do mundo”*, como se Jesus, o Criador de todo o Universo, desconhecesse a tragédia da temporalidade do pecado de nosso mundo, e declarou: *“Eu Te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu esplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser”* (Lc 4:5, 6, NVI).

Este “suposto” reino de Satanás, Deus irá dismantelar, destruir, transformar em pó (Mt 4:1-3), com o soar das trombetas e o poder destruidor das pragas. Primeiro, em sequência, são atingidos alvos que Satanás qualificou como a glória e o esplendor do seu reino: um terço de toda a terra, um terço dos oceanos, um terço dos rios e fontes das águas e um terço do brilho do sol, da lua e das estrelas. A destruição do reino físico de Satanás, trará consequências terríveis sobre os seus súditos com a manifestação

de sofrimentos atormentadores para os quais não será encontrado qualquer recurso do conhecimento humano oferecendo cura ou mesmo algum alívio, porque *“isso é o dedo de Deus”* (Êx 8:19, NVI).

E então, depois de lançar o poder destruidor sobre o trono de Satanás, com a quinta praga, são atacados, pelo exército de Cristo (Ap 9:15-19), os atormentados habitantes deste reino de esplendor, destruindo um terço de toda a humanidade que não tem *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4), com a sexta praga, lembrando que no período das pragas haverá apenas dois grupos distintos.

Por que esse um terço não refere nem à quinta nem à sétima trombeta? A quinta trombeta anuncia como alvo *“uma estrela que havia caído do céu sobre a Terra”* (Ap 9:1, NVI). A quinta praga é derramada *“sobre o trono da besta”* (Ap 16:10, NVI), de Satanás, a estrela que caiu do céu. Uma questão é inquestionável: o grande conflito cósmico envolve Cristo contra Satanás. Teve o seu início no Céu e terá o seu desfecho final aqui na Terra com o aniquilamento de Satanás, seus demônios e pecadores rebeldes.

A sétima trombeta anuncia essa vitória total do Reino de Deus e do Cordeiro, sobre o “suposto” reino de Satanás, e a sétima praga lançada no ar, é seguida da proclamação: *“está feito!”* (Ap 16:17). A temporalidade do pecado chegou ao fim.

“Na luta insana de suas violentas emoções, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, caem os ímpios habitantes da Terra – sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, homens ilustres e gente comum. ‘Os que o Senhor entregar à morte naquele dia se estenderão de uma a outra extremidade da Terra; não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados’ (Jr 25:33)”. (GC, p. 544).

A segunda trombeta e a segunda praga. *“O segundo anjo tocou a sua trombeta, e algo como um grande monte em chamas foi lançado ao mar. Um terço do mar transformou-se em sangue, morreu um terço das criaturas do mar e foi destruído um terço das embarcações”* (Ap 8:8, 9, NVI). *“O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e este se transformou em sangue como de um morto, e morreu toda criatura que vivia no mar”* (Ap 16:3, NVI).

A segunda trombeta anuncia o castigo em forma de um grande monte de fogo lançado no mar, transformando uma terça parte de suas águas em sangue, como de um morto, matando uma terça parte das criaturas nele existentes e destruindo um terço das embarcações que se constituem um meio de comércio do reino de Satanás. As consequências harmonizam com a segunda praga.

A terceira trombeta e a terceira praga. *“O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, queimando como tocha, sobre um terço dos rios e das fontes de águas; o nome da estrela é Absinto. Tornou-se amarga um terço das águas, e muitos morreram pela ação das águas que se tornaram amargas”* (Ap 8:10, 11, NVI). *“O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes, e eles se transformaram em sangue”* (Ap 16:4, NVI).

A terceira trombeta determina a ação destruidora sobre uma terça parte dos rios e das fontes de águas.

Absinto é uma planta, em diferentes variedades, da qual são extraídos produtos para diversos usos. É de sabor muito amargo e tem efeitos letais. João viu uma grande estrela, *“queimando como tocha”* (Ap 8:10), que comunica a ideia da cor de sangue, no que se transformam uma terça parte das águas dos rios e das fontes de águas, ao impacto da ação da terceira praga, adicionadas de

amargura, angústia, e poder letal da estrela de Absinto, e matando todas as criaturas existentes na terça parte dos rios e das fontes de águas.

“Muitas pessoas morreram”. Quando o anjo toca a terceira trombeta, determinando que a terceira praga seja lançada sobre a terça parte dos rios e das fontes de águas, o profeta informa que *“muitas pessoas morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas”* (Ap 8:11, NAA).

Conforme analisado acima, as pessoas que têm a marca da besta, atingidas pelas pragas, não morrem, mas sofrem os tormentos até a sexta praga, quando *“pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saiam da boca dos cavalos, foi morta uma terça parte da humanidade”* (Ap 9:18, NAA). Com a sétima praga, que culmina com a volta de Jesus, o restante da humanidade é morta (Ap 19:17, 18 e 6:14-17).

Quem são as pessoas que morrem em consequência da terceira praga que transforma a terça parte das águas dos rios e das fontes de águas em sangue?

O profeta evidencia que aqueles que têm a marca da besta (Ap 16:2), e os que não têm o selo de Deus na testa (Ap 9:4), são atormentados pelas pragas até acontecer a sua morte com a sexta e a sétima pragas.

As pessoas que são mortas por causa da água contaminada com sangue e Absinto, não são identificadas como tendo a marca da besta, ou não tendo o selo de Deus. Apenas é declarado que *“muitas pessoas morreram por causa dessas águas”* (Ap 8:11, NAA).

O profeta Joel faz a poderosa proclamação: *“proclamem isto entre as nações: ‘declarem guerra santa [...] e comecem a colher, porque a plantação está madura. [...] Porque é grande a maldade dessas nações! Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do Senhor está perto, no vale da Decisão. [...] O Senhor rugirá de Sião. [...] Os céus e a terra tremerão”* (Jl 3:9, 13-16, NAA).

Podemos imaginar que haverá multidões que não se conscientizaram do grande conflito entre Cristo e Satanás, entre o bem e o mal, entre a justiça e o pecado e as suas consequências eternas, e permaneceram no vale da decisão, porque *“não sabem distinguir entre a mão direita e a mão esquerda”* (Jn 4:11, NAA).

Quando Deus revelou para Abraão que havia decidido destruir Sodoma e cidades vizinhas, Abraão fez um veemente apelo lembrando o caráter de Deus: *“Será que o juiz de toda a terra não faria justiça?”* (Gn 18:25, NAA).

O juiz de toda a Terra e do Universo, fará justiça retribuindo a cada um segundo a sua capacidade de discernimento entre o certo e o errado. Aqueles que não tiveram a capacidade de compreender a extensão do grande conflito espiritual, não sofrerão as consequências das últimas pragas que têm objetivo definido: destruir o reino de Satanás. Mas aqueles que não foram despertados de sua ignorância espiritual e nunca decidiram viver em harmonia com a vontade de Deus, expressa em Sua lei, e também nunca tomaram uma decisão efetiva se identificando como rebeldes aos princípios do Reino de Deus, perecerão em consequência da falta de água potável, porque esta foi misturado com Absinto, um veneno letal. *“Assim, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão”* (Rm 2:12, NAA).

“Nem todos neste mundo tomaram o partido dos inimigos de Deus. Nem todos se tornaram desleais” (TI, v. 9, p. 15).

Entretanto, todos aqueles que conscientemente se uniram ao grande apóstata e inimigo de Deus, e como *“homens malignos”* (TI, v. 4, p. 593), prestando o seu serviço como instrumentos de Satanás, *“aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), atacando os eleitos de Deus, receberão o seu castigo na justa medida: *“Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas. Porque derramaram sangue de santos e de profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem”* (Ap 16:4-6, NAA). *“E todos os que pecaram sob a lei serão julgados pela lei”* (Rm 2:12, NAA). *“Porque não justificarei o ímpio”* (Êx 23:7, NAA).

Os pecadores que permaneceram no *“vale da decisão”*, (JI 3:14), *“aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”*, mas também não *“tinham a marca da besta e (não) adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), morrerão pela consequência das águas letais da terceira praga.

A quarta trombeta e a quarta praga. *“O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferido um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de forma que um terço deles escureceu. Um terço do dia ficou sem luz, e também um terço da noite”* (Ap 8:12, NVI). *“O quarto anjo derramou a sua taça no sol, e foi dado poder ao sol para queimar os homens com fogo. Estes foram queimados pelo forte calor e amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se e glorifica-lo”* (Ap 16:8, 9, NVI).

Os símbolos utilizados para descrever a ordem e a execução da ação de Deus, parecem contraditórios. Na ordem da trombeta, o sol, a lua e as estrelas perdem um terço do seu poder de brilho. Na execução da praga, somente aparece o sol, com poder aumentado em seu calor, causando queimaduras nos homens.

Analisando esses efeitos à luz dos raios infravermelhos, compreende-se o poder de sua ação destruidora. Com a retirada do brilho natural dos astros, a permanência dos raios infravermelhos, provocam graves problemas para os olhos e fortes queimaduras na pele quando a sua ação é prolongada.

Na quarta praga, Deus retira a camada protetora da atmosfera que filtra os raios infravermelhos e o brilho dos astros diminui, mas o seu poder de destruição aumenta e queimaduras terríveis aparecem na pele dos homens. Como a ação é o resultado *“da ira de Deus”* (Ap 16:1, NAA), contra o pecado e pecadores rebeldes, e provavelmente prolongada, as queimaduras aumentam o seu poder destruidor.

Na ordem da trombeta, a retirada da camada protetora da atmosfera, atua sobre o sol, a lua e as estrelas, ofuscando o seu brilho, mas na execução da ordem, somente o sol aparece como o agente da praga, castigando os homens. O sol perde o seu brilho, mas os seus raios infravermelhos aumentam seu poder de provocar queimaduras na pele dos seres humanos. Nem a lua nem as estrelas com o seu brilho diminuído, têm o mesmo poder de causar queimaduras dolorosas.

Três ais. Executado o quarto flagelo ordenado pela quarta trombeta, o profeta João acompanha um espetáculo no céu atmosférico preanunciando acontecimentos mais terríveis: *“Enquanto eu olhava, ouvi uma águia que voava pelo meio do céu e*

dizia em alta voz: 'ai, ai, ai dos que habitam na terra, por causa do toque das trombetas que está prestes a ser dado pelos três outros anjos" (Ap 8:13, NVI).

Com essa mensagem, o profeta João prediz a execução de três ais que são acontecimentos de assombro em face da consumação da ira de Deus executada sem mistura de misericórdia contra o pecado. O profeta Isaías fez a proclamação profética: *"o Senhor se levantará como fez no monte Perazim, mostrará sua ira como no vale de Gibeom, para realizar sua obra, obra muito estranha, e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa" (Is 28:21, NVI). [...] Pois fiquei sabendo do Senhor Deus de todo poder que a destruição da terra inteira está decidida" (Is 28:22, TEB).*

Já analisamos que a destruição dos pecadores rebeldes e impenitentes é uma *"obra estranha e misteriosa"* para Deus.

"Os juízos de Deus cairão sobre os que procuram oprimir e destruir o Seu povo. Sua grande longanimidade para com os ímpios torna os seres humano ousados na transgressão. Mas o castigo divino, apesar de postergado, não é menos certo e terrível. 'O Senhor Se levantará, como no monte de Perazim, e Se irará, como no vale de Gibeom, para realizar a Sua obra, a Sua obra estranha, e para executar o Seu ato, o Seu ato inaudito (Is 28:21)'. Para o nosso misericordioso Deus, infligir castigo é um ato estranho" (GC, 520).

O profeta Jonas, que com veemência proclamou a destruição da grande cidade de Nínive, não compreendeu a grandeza de *"qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que vocês fiquem cheios de toda a plenitude de Deus"* Ef 3:18, 19, NAA).

Deus revelou o Seu caráter para Jonas: *“E você não acha que eu deveria ter muito mais compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”* (Jn 4:11, NVI).

O salmo 45 é uma proclamação de exaltação do caráter de Deus e de Cristo Jesus: *“O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade”* (Sl 45:6, 7, NVI).

O aniquilamento do pecado e do mal, Deus fará com ira santa, porque Ele é santo, único, e odeia o pecado: *“com quem vocês vão me comparar? Quem se assemelha a mim?” pergunta o Santo* (Is 40:25, NVI).

“Jesus colocou a cruz alinhada com a luz vinda do Céu, pois é aí que ela captará o olhar humano. A cruz se acha em linha direta com o resplendor dos semblantes divinos, de maneira que, ao contemplar a cruz, as pessoas vejam e conheçam a Deus e a Jesus Cristo, a quem, Ele enviou. Contemplando a Deus, vemos Aquele que derramou Sua alma na morte. Contemplando a cruz, o olhar se estende até Deus, e discerne Seu ódio pelo pecado. Mas, ao mesmo tempo que vemos na cruz o ódio de Deus pelo pecado, vemos também Seu amor pelos pecadores, mais forte do que a morte. A cruz é para o mundo um argumento indiscutível de que Deus é verdade, luz e amor” (Ellen G. White, CBASD, v. 5, p.1260).

Para erradicar o pecado, objeto do ódio de Deus, os pecadores, objeto do amor de Deus, serão destruídos como justa retribuição de sua escolha, mas com profundo pesar no coração de Deus, porque

rejeitaram o Seu amor, a Sua graça e a Sua justiça, na morte substituta de Jesus.

“No dia do juízo final, toda alma perdida compreenderá a natureza de sua rejeição da verdade. A cruz será apresentada, e sua real significação será vista por todo espírito que foi cegado pela transgressão. Ante a visão do Calvário com sua misteriosa Vítima, achar-se-ão condenados os pecadores. Toda falsa desculpa será banida. A apostasia humana aparecerá em seu odioso caráter. Os homens verão o que foi sua escolha. Toda questão de verdade e de erro, na longa controvérsia, terá então sido esclarecida. No juízo do Universo, Deus ficará isento de culpa pela existência ou continuação do mal. Será demonstrado que os decretos divinos não são cúmplices do pecado. Não havia defeito no governo de Deus, nenhum motivo de desafeto. Quando os pensamentos de todos corações forem revelados, tanto os leais como os rebeldes se unirão em declarar” (DTN, p. 58): “Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não te temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois tu és santo. Por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos” (Ap 15:3, 4, NAA).

A quinta trombeta e a quinta praga. *“O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que havia caído do céu sobre a terra. À estrela foi dada a chave do Abismo. Quando ela abriu o Abismo, subiu fumaça como a de uma gigantesca fornalha. O sol e o céu escureceram com a fumaça que saía do Abismo. Da fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra, e lhes foi dado poder como o dos escorpiões da terra. Eles receberam ordens para não causar*

dano nem a relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa. Não lhes foi dado poder para mata-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses. Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles. Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha. Tinham sobre a cabeça algo como coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto humano. Os cabelos deles eram como os de mulher e os dentes como os de leão. Tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses. Tinham um rei sobre eles, o anjo do Abismo, cujo nome em hebraico, é Abadom e, em grego, Apoliom. O primeiro ai passou; dois outros ais ainda virão” (Ap 9:1-12, NVI).

“O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua, e blasfemavam contra o Deus dos céus, por causa das suas dores e das suas feridas; contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado” (Ap 16:10, 11, NVI).

O relato do toque da quinta trombeta é mais amplo em detalhes em relação ao da quinta praga. O centro é o mesmo: o trono da besta. Compreendendo que o grande conflito cósmico espiritual é Cristo contra Satanás, esses acontecimentos finais precisam ser compreendidos nesse contexto.

A quinta trombeta determina o ataque do exército de Deus ao trono da besta, Satanás, e o quinto anjo com a sua taça destruidora atinge com impacto direto o trono do “suposto” reino de Satanás. “O

quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas” (Ap 16:10, NVI).

O trono da besta é o trono de Satanás. Como o reino de Satanás é este mundo (Lc 4:6, Jo 12:31), o seu trono está situado neste mundo.

Atingir o trono de um poder significa atacar o centro dominante desse poder. Os quatro primeiros flagelos atingiram diferentes alvos do “suposto” reino de Satanás, o quinto flagelo atingirá o centro de seu reino.

O poço do Abismo. Ao toque da quinta trombeta, o profeta João viu *“uma estrela que havia caído do céu sobre a Terra”* (Ap 9:1, NVI). Que estrela caiu do céu? *“Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada! Como foi atirado à terra!”* (Is 14:12, NVI). *“O grande dragão foi lançado fora. [...] Ele e os seus anjos foram lançados à terra”* (Ap 12:9, NVI). *“Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago”* (Lc 10:18, NVI).

A essa estrela caída do Céu, Satanás, *“foi dada a chave do poço do Abismo”* (Ap 9:1, NVI). A entrega da chave de determinado local, significa conferir autoridade e poder de administração do local. Ao toque da quinta trombeta, Satanás recebe autoridade e poder para administrar o poço do Abismo.

O que é esse poço do Abismo? O apóstolo Pedro refere a esse lugar com poucas palavras: *“Com efeito, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas lançou-os em abismos tenebrosos do Tártaro, onde estão guardados à espera do julgamento”* (2Pe 2:4, BJ).

Anjos que foram expulsos do céu, e aprisionados nos “*abismos tenebrosos do Tártaro*”, onde estão “*à espera do julgamento*”. Anjos caídos que estão presos em Abismos tenebrosos? Como entender esta mensagem do apóstolo Pedro?

“E, quanto aos anjos que não conservaram suas posições de autoridade, mas abandonaram sua própria morada, ele os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia” (Jd 6, NVI). Judas acrescenta que os anjos que foram lançados nos “*abismos tenebrosos do Tártaro*”, estão “*guardados em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia*”.

A Escritura declara que duas testemunhas confirmam que o fato é verdadeiro. Anjos caídos estão aprisionados, aguardando o dia do julgamento. Quanto representam em números, um terço de todos os anjos criados? Já imaginaram se todos os anjos transformados em demônios estivessem soltos em nosso mundo para atormentar os seres humanos com tentações e maldades? Pedro e Judas nos convencem de que Deus permitiu determinado número de demônios permanecer livres, para agir em nosso mundo com toda a sua malignidade e assim, revelar o verdadeiro caráter de todos os anjos rebeldes, perante o Universo, para, no final julgar e condenar a todos com a mesma sentença.

O evangelista Lucas, em seu relato sobre a manada de porcos que foi possesada pelos demônios, depois de expulsos do endemoninhado Gadareno, contém um argumento muito importante em relação aos demônios aprisionados: “*e imploraram que não os mandasse para o Abismo*” (Lc 8:31, NVI).

Por que não, para o Abismo? Porque o Abismo é a prisão dos demônios e lá se encontra aprisionada a grande maioria dos anjos

caídos que foram expulsos dos Céus, e estão presos *“em abismos tenebrosos do Tártaro, onde estão guardados à espera do julgamento”* (2Pe 2:4, BJ).

No entanto, João declara, que ao soar da quinta trombeta o anjo que caiu do céu, Satanás, receberá a chave desse poço do Abismo, para abri-lo e soltar todos os demônios nele aprisionados e prepará-los para a grande e decisiva batalha do grande conflito cósmico espiritual.

A absoluta Soberania de Deus. Quem entrega as chaves do poço do Abismo para a estrela que caiu dos Céus, para que ela possa abri-lo?

Isaías é o profeta que exalta a Soberania de Deus. Em uma dessas mensagens declara sobre essa Soberania absoluta: *“Eu farei isso acontecer para que todas as nações, do Oriente ao Ocidente, saibam que não há outro Deus além de Mim. Eu sou o Senhor, e não há nenhum outro. Eu crio a luz e a escuridão. Eu controlo todos os acontecimentos, os bons e os maus. Eu, o Senhor, é que faço todas essas coisas”* (Is 45:6, 7, BV).

Na declaração, depois de proclamar a Sua Soberania absoluta: *“Eu controlo todos os acontecimentos, os bons e os maus”*, Deus manifesta o Seu poder de domínio absoluto. Nada acontece neste mundo e no Universo que escape ao controle da Sua Soberania.

Isso está muito evidente na experiência de Jó, que ilumina esse detalhe. Satanás teve permissão de Deus para lançar as calamidades em várias situações na vida de Jó. Contudo, com o poder de Sua Soberania, Ele controlou a maligna ação do diabo em harmonia com os Seus desígnios, limitando as atuações do inimigo

em todos os acontecimentos. *“O Senhor disse a Satanás: ‘Pois bem, ele está nas tuas mãos: apenas poupe a vida dele’”* (Jó 2:6, NVI).

Para o prepotente e ao mesmo tempo pusilânime Pilatos, que ousou advertir a Jesus: *“não sabe que tenho autoridade para soltar você como para crucificá-Lo?”*, Jesus respondeu com clareza e convicção que estão além da percepção humana: *“o senhor não teria nenhuma autoridade sobre Mim, se de cima não lhe fosse dada”* (Jo 19:10, 11, NAA).

Assim, enquanto não completar a obra do plano da redenção, Deus limita as ações de Satanás: *“ao passo que os anjos seguram os quatro ventos, proibindo que o terrível poder de Satanás seja exercido em sua fúria, até que os servos de Deus sejam selados em suas testas”* (MM, 1989, p. 308). (Destaque acrescentado).

Entretanto, quando essa obra estiver concluída e chegar o momento determinado para dar fim ao grande conflito cósmico espiritual, Satanás receberá a chave para abrir o poço do Abismo, onde estão presos a maioria dos seus demônios, liberando-os para as cenas e batalhas finais do conflito: *“um terrível conflito encontra-se diante de nós. Aproximamo-nos da peleja do grande dia do Deus todo-poderoso. O que tem estado sob controle será solto. O anjo da misericórdia está dobrando as asas, preparando-se para descer do seu trono e deixar o mundo sob o domínio de Satanás”* (EF, p. 215). (Destaque acrescentado).

Assim como Deus determinou um limite para Satanás em suas ações contra Jó, do mesmo modo Ele determina e controla todas as ações de Satanás no contexto do grande conflito cósmico espiritual. Durante a quinta praga, Satanás receberá autoridade para soltar os demônios presos no poço do Abismo, mas Deus limitará o seu poder

de atuação: *“ela abriu o poço do abismo, e dele saiu fumaça como a fumaça de uma grande fornalha. E o sol e o ar escureceram com a fumaça saída do poço. Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e lhes foi dado poder como o poder que têm os escorpiões da terra. E lhes foi dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão somente às pessoas que não têm o selo de Deus na testa. Também não lhes foi permitido que os matassem, mas que os atormentassem durante cinco meses”* (Ap 9:2-5, NAA).

Deus determina para Satanás e os demônios o que eles podem fazer e o que não podem fazer.

A quinta trombeta e o selo de Deus. Quando Satanás abriu o poço do Abismo, saiu fumaça com tamanho volume que escureceu o sol e o ar, o céu atmosférico. Negra fumaça ou trevas simbolizam o poder do pecado: *“o povo que vivia nas trevas”* (Mt 4:16, NVI).

Do meio dessa fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra, recebendo poder como dos escorpiões. Um detalhe muito importante: foi-lhes ordenado para causar dano somente *“àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), isto é, àqueles que não aceitaram a justiça de Cristo, a graça, pela fé no Seu sacrifício substituto, e não vivem a *“obediência que vem pela fé”* (Rm 1:5, NVI), à Sua lei.

O selo de Deus, identificando os santos vivos, todos aqueles que aceitaram a salvação pela fé no sangue expiatório de Cristo Jesus e obedecem aos mandamentos de Deus, somente será colocado na sua testa pouco tempo antes de ser fechada a porta da graça: *“não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos a testa dos servos de nosso Deus”* (Ap 7:3, NVI). “Os

justos vivos receberão o selo de Deus antes do fim da graça” (ME, v. 1, p, 66).

Portanto, essa nuvem de gafanhotos, recebendo *“ordens para não causar dano nem à relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), não pode ser interpretado como um acontecimento ocorrido ao longo da história da humanidade, antes do fechamento da porta da graça, porque o sinal que identifica o selo de Deus, distinto da marca da besta, somente será conhecido pouco antes do fechamento da porta da graça. Portanto, precisa encontrar interpretação depois desse glorioso e ao mesmo tempo tremendo acontecimento.

Um detalhe importante precisa ser considerado: Satanás receberá poder absoluto sobre todos os seres humanos *“que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI). Isso inclui todos aqueles que rejeitaram a graça e justiça de Deus e aceitaram a marca da besta e da sua imagem, o cristianismo apostatado, bem como todos aqueles que rejeitaram a graça e a justiça de Deus, mas não se uniram decididamente à imagem da besta, o paganismo confesso.

Gafanhotos ou demônios? Mais um detalhe importante em relação aos gafanhotos que saem do poço do Abismo, é que na sequência eles se *“pareciam como cavalos preparados para a batalha”* (Ap 9:7, NVI). Na cabeça tinham uma coroa parecida como de ouro, mas não era ouro; o rosto parecia de ser humano, mas não eram seres humanos; cabelos como de mulheres, mas não eram mulheres; e dentes como de leão, indicando violência e ferocidade, mas não eram leões. Couraças como de ferro e o barulho de suas asas era semelhante a muitos cavalos e carruagens correndo para a

batalha, mas não eram cavalos nem carruagens. *“Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses”* (Ap 9:10, NVI). Mas não eram escorpiões.

Dos versos 4-6, a visão esclarece que esses gafanhotos, que não são gafanhotos, recebem poder para atormentar, não a todos os seres humanos, mas *“apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), durante um período de cinco meses.

É declarado que o tormento é semelhante à picada de escorpião, mas não mata. O tormento será tão terrível que os atingidos clamarão pela morte, sem encontrá-la: *“desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI).

Esses gafanhotos, que não são gafanhotos, têm como rei, o anjo do Abismo, Satanás, o destruidor.

A descrição de João é a de um exército em marcha para a batalha. De onde vem esse exército? Do poço do Abismo, aberto pelo anjo que caiu do Céu, Satanás, que é o rei comandando esse exército, que em realidade são demônios, simbolizados por gafanhotos.

A metáfora é impressionante. Os demônios saem do poço do Abismo como uma nuvem de gafanhotos que escurece o sol e a atmosfera. Não atacam a natureza, que é o terrível flagelo causado pela voracidade de gafanhotos reais, mas os seres humanos, *“que não tinham o selo de Deus na testa”*, com tormentos terríveis. Portanto, nesta metáfora do profeta, os gafanhotos simbolizam os demônios soltos da sua prisão, o poço do Abismo.

Imaginemos, um terço dos anjos, que se tornaram demônios, invadindo o planeta Terra para atormentar a grande maioria dos seres humanos. Quantos são em números, um terço dos anjos? Trinta trilhões? Não sei, mas são tantos que conseguem escurecer o brilho do sol.

O profeta João deve ter copiado essa metáfora dos escritores do Velho Testamento. O escritor do livro dos Juízes, referindo à invasão dos midianitas sobre as terras de Israel, declarou: *“pois vinham [...] como uma nuvem de gafanhotos”* (Jz 6:5, e 7:12, NAA).

O profeta Jeremias também usou essa metáfora para descrever o ataque dos Medo-Persas quando conquistaram a Babilônia: *“o Senhor Todo-Poderoso jurou pela sua própria vida que vai trazer muitos homens para atacarem a Babilônia, Eles chegarão como uma nuvem de gafanhotos e darão o grito de vitória. [...] Deem o sinal de ataque! Toquem as cornetas para que os povos escutem! Preparem as nações para lutarem contra Babilônia! [...] Indiquem um oficial para comandar o ataque. Tragam um grande número de cavalos, como se fossem uma nuvem de gafanhotos”* (Jr 51:27, NTLH).

É importante e interessante observar que o profeta Jeremias usa a metáfora de soldados montados em seus cavalos *“como se fossem uma nuvem de gafanhotos”*.

Da mesma maneira, o profeta João, continuando, descreve os gafanhotos como cavalos formando um poderoso e imenso exército, que apresentam semelhanças humanas, mas não são humanos, correndo para a batalha sob o comando do seu rei, o anjo do Abismo, Satanás (Ap 9:11).

“Um terrível conflito encontra-se diante de nós. Aproximamo-nos da peleja do grande dia do Deus todo-poderoso. O que tem estado sob controle será solto. O anjo da misericórdia está dobrando as asas, preparando-se para descer do seu trono e deixar o mundo sob o domínio de Satanás. [...] A Terra será o campo de batalha – o local da peleja e da vitória finais. [...] A rebelião será debelada para sempre” (EF, p. 215). (Destaque acrescentado).

Cinco meses. Outra questão que também precisa ser considerada: os gafanhotos recebem poder não para matar, *“mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses”* (Ap 9:5, NVI).

O período dos sete últimos flagelos precisa ser interpretado como tempo profético, porque *“num só dia as suas pragas a alcançarão”* (Ap 18:8, NVI), isto é, um ano literal. Mas o período de *“cinco meses”*, fazendo parte do período das sete últimas pragas, precisa ser compreendido como tempo literal.

Cinco meses = 150 dias literais, transformados em tempo profético, correspondem a 150 anos literais. Não cabem dentro do período de um ano das pragas.

Entretanto, procurar um rei na história da humanidade que viveu 150 anos, ou mesmo um poder temporal que durante esse período de domínio, com o seu exército atormentou os seres humanos *“que não tinham o selo de Deus na testa”*, com tormentos tais que esses buscavam a morte, mas ela fugia deles, e o exército atormentador também não os matava, esse período de tempo não será encontrado na história da humanidade para cumprir esses lances proféticos.

Outro fator complicador encontra-se no selo de Deus que identifica os selados, que não poderão ser atormentados durante esses cinco meses. O selo de Deus somente será colocado na testa de Seus servos vivos, pouco antes do fechamento da porta da graça (Ap 7:1-8).

No contraponto do selamento dos santos, todos aqueles que se identificarem com o falso sistema de adoração e de autoridade espiritual, receberão a marca da besta, isto é, de Satanás, durante o tempo determinado para o selamento dos santos de Deus (Ap 13:15-17).

Esses dois acontecimentos estabelecerão a perfeita distinção entre os dois grupos: *“O sábado será a grande prova da lealdade, pois é o ponto da verdade especialmente contestado. Quando sobrevier aos seres humanos a provação final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do falso sábado, de acordo com a lei do Estado e de forma contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que está em oposição a Deus, a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, será uma prova de lealdade para com o Criador. Enquanto um grupo de pessoas, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, receberá a marca da besta, outro, preferindo o sinal da obediência à autoridade divina, receberá o selo de Deus”* (GC, p. 503, 504).

“Porém, quando a observância do domingo for imposta por lei, [...] e somente depois que essa situação estiver assim claramente exposta perante o povo, e este for levado a escolher entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que aqueles que continuam a transgredir receberão o sinal da besta. [...] No desfecho

dessa controvérsia, toda a cristandade estará dividida em dois grandes grupos: os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus, e os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o sinal dela” (GC, p. 377).

Esses detalhes inviabilizam a interpretação colocando o acontecimento no passado, porque as circunstâncias e as pessoas envolvidas identificando duas classes bem definidas pelo selo de Deus e do sinal da besta, ainda não ocorreram.

No entanto, se no tempo de duração dos castigos das pragas de cerca de um ano, inserirmos o período de *“tormento durante cinco meses”*, que Deus permite que os demônios executem sobre os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), ele começa com a quinta praga e termina com a sexta.

Está aqui um detalhe importante: a ação das pragas até a quinta praga, com exceção da terceira, castiga os seres humanos, mas não os mata. Na segunda praga é declarado que *“morreu todo ser vivo que havia no mar”* (Ap 16:3, NAA), em consequência da água transformada em sangue.

Na execução da ordem pelo anjo com a terceira taça, é declarado que os rios e as fontes de águas, *“se transformaram em sangue”*, mas não é dito de que pessoas que têm a marca da besta, morrem. No entanto, é proclamada a justiça dos atos de Deus, dizendo: *“Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas. Porque derramaram sangue de santos e de profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem”* (Ap 16:4-6, NAA).

Certamente com a terceira praga, a vida animal na terça parte dos rios e das fontes de águas, morre, tal como acontecerá na segunda praga com a terça parte do mar. Os animais morrem pelas consequências das pragas, mas não como castigo; não foram envolvidos pelo pecado à semelhança do ser humano.

Analisando a ordem da terceira trombeta e a execução da terceira praga, compreende-se que uma terça parte dos seres humanos sofrerá as consequências do castigo de ter à disposição para beber água potável transformada em sangue, com sabor amargo e poder letal, que sob as circunstâncias da praga causa tormentos terríveis, mas não mata. Será a justa retribuição pelo sangue derramado de santos e profetas. *“É o que merecem”*.

A informação contida na ordem da terceira trombeta de que *“muitas pessoas morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas”* (Ap 8:11, NAA), já foi analisada em tópico anterior.

Até a quinta praga, essa é a única informação de que seres humanos morrem como consequência das pragas, mas nada é declarado de que não tenham o selo de Deus, ou tenham a marca da besta. Nas outras pragas, os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), ou têm a marca da besta, sofrem terríveis tormentos causados pelas pragas, mas não morrem (Ap 16:2).

A quinta taça, taça das trevas. *“O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua, e blasfemavam contra o Deus dos céus, por causa das suas dores e das suas feridas;*

contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado” (Ap 16:10, 11, NVI).

O relato da execução da quinta praga é bem mais sucinto em relação à ordem expedida pelo anjo da quinta trombeta. No entanto, em sua essência, a quinta praga descreve os efeitos determinados pela quinta trombeta.

Quando o quinto anjo toca a sua trombeta, ele anuncia que a estrela que caiu do Céu, recebe a chave do poço do Abismo para abri-lo. Aberto o poço do Abismo, *“dele saiu fumaça como a fumaça de uma grande fornalha. O sol e o ar (aér = ar, atmosfera) se escureceram com a fumaça saída do poço”* (Ap 9:2, NAA).

Da quinta praga, o profeta declara que a taça será derramada *“sobre o trono da besta (Satanás). O reino da besta ficou em trevas”* (Ap 16:10, NAA).

Qual o real significado desse flagelo? Jesus declarou de Si mesmo: *“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida”* (Jo 8:12, NAA). João dá o seu testemunho a respeito de Deus: *“Deus é luz, e não há nele treva alguma”* (1Jo 1:5, NAA).

Paulo faz a desafiadora pergunta: *“Que comunhão existe entre a luz e as trevas? Que harmonia pode haver entre Cristo e o Maligno?”* (2Co 6:14, 15, NAA).

Portanto, Jesus, Deus, são a luz; os Seus ensinamentos, são a luz. O Maligno, Satanás e os seus conceitos de comportamento, são as trevas.

A maneira de Ellen G. White descrever as condições espirituais do mundo na primeira vinda de Jesus, também lança luz sobre o

significado desta praga: *“Durante os séculos que precederam o primeiro advento de Cristo, o mundo parecia quase inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas, e ele governava com poder terrível, como se por meio do pecado de nossos primeiros pais os reinos do mundo se houvessem tornado de direito propriedade sua. [...] Cristo veio a fim de revelar Deus ao mundo como um Deus de amor, pleno de misericórdia, ternura e compaixão. A espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida”* (TI, v. 5, p. 738, 739).

“O engano do pecado atingira sua culminância. [...] confundidos e enganados, avançavam, em lúgubre procissão rumo à ruína eterna para a morte em que não há nenhuma esperança de vida, para a noite que não tem alvorecer. Agentes satânicos estavam incorporados com os homens. O corpo de criaturas humanas, feito para habitação de Deus, tornara-se morada de demônios. [...] O próprio selo dos demônios se achava impresso na fisionomia dos homens. Esta refletia a expressão das legiões do mal de que se achavam possessos” (DTN, p. 36).

Essas condições imperantes antes da primeira vinda de Jesus, com a humanidade *“quase inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas”,* e *“a espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida”* (TI, v. 5, p. 738, 739).

Em Sua primeira vinda Jesus veio para expulsar Satanás do principado desde mundo e brilhar a luz da verdade da salvação desfazendo *“a espessa escuridão”* do engano de Satanás, *“para*

iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”
(2Co 4:6, NVI).

Do início do ministério de Jesus, é declarado: *“o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raio uma luz”* (Mt 4:16, NVI).

Com a quinta praga, Deus fará com que Satanás revele toda a malignidade e engano do seu caráter, desmascarando-o completamente perante o Universo, permitindo que envolva a humanidade com *“espessa escuridão”* de trevas espirituais. Essa *“espessa escuridão”*, simboliza total desconhecimento de Deus, da Sua justiça, do Seu amor, da Sua graça e do poder de Seu plano redentor, realizado por meio da morte substituta de Jesus.

O toque da quinta trombeta determinando a quinta praga, soa como um paradoxo. Satanás recebe autoridade e poder, que significa domínio, para organizar o seu exército que em grande parte está aprisionado no poço do Abismo. Quando abre o poço, negra fumaça envolve a Terra com trevas, significando que o príncipe das trevas recebeu o domínio total sobre os seus demônios e os seus súditos humanos, que formam o seu *“suposto”* reino. Os seres humanos, que rejeitaram a oferta da graça de Deus, assim como aconteceu antes da primeira vinda de Jesus, são envolvidos em densas trevas espirituais, ficando o mundo *“inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas, [...] como se por meio do pecado de nossos primeiros pais os reinos do mundo se houvessem tornado de direito propriedade sua* (TI, v. 5. p. 738).

A quinta *“taça da ira de Deus”* (Ap 16: NAA), é a taça das trevas espirituais com a total ausência do amor, da misericórdia e da graça

de Deus para com os pecadores impenitentes, e o total *“domínio do príncipe das trevas”*, revelando toda a malignidade do seu caráter.

A quinta taça, a taça da angústia dos ímpios. Quando o tempo da ira se completar, *“pois o que foi decidido irá acontecer”* (Dn 11:36, NVI), *“se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do povo de Deus, e haverá tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo”* (Dn 12:1, NAA).

Como já vimos em outros lances proféticos, o profeta João, no seu livro “Apocalipse”, amplia e ilumina as predições do profeta Daniel: *“Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto. Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las. [...] Então ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: ‘vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus’”* (Ap 8:6 e 16:1, NVI).

Com a intervenção divina com todo o Seu poder, lançando sobre os pecadores rebeldes o Seu castigo sem misericórdia, pela ação dos terríveis juízos das sete pragas, *“haverá tempo de angústia, como nunca houve”* sobre a Terra: *“naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles. [...] As pessoas mordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemavam contra o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam”* (Ap 9:6, NVI e 16:10, 11, NAA).

“Removeu-se a restrição que estivera sobre os ímpios, e Satanás tem domínio completo sobre os impenitentes que se tornaram incorrigíveis. Acabou a paciência de Deus. O mundo rejeitou Sua misericórdia, desprezou Seu amor e pisou Sua lei. Os ímpios passaram dos limites de seu tempo de graça. O Espírito de

Deus, persistentemente resistido, foi, por fim, retirado. Sem o amparo da graça divina, eles não têm proteção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. [...] O mesmo poder destruidor exercido pelos santos anjos, quando Deus ordena, será exercido pelos anjos maus quando Ele permitir. Há agora forças preparadas, aguardando apenas o consentimento divino para espalhar a desolação por toda parte” (GC, 510, 511).

Com a quinta praga, Satanás agindo como se fosse o legítimo proprietário da Terra, abre o poço do Abismo e libera todos os demônios aprisionados, para juntá-los a todos os que já estão soltos em nosso mundo, e, com *“a espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade”* (TI, v. 5, p. 739), ao longo dos séculos, ele envolverá todo o seu “suposto” reino e *“mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final”* (GC, p. 511), a todos os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), atormentando-os em meio as trevas espirituais e provocando terríveis dores em seus corpos, em acréscimo a todos os tormentos que começaram a sofrer desde a primeira praga da ira de Deus .

Entretanto, haverá uma situação marcante: os demônios não receberão *“poder para matá-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses. A agonia que eles sofreram era como a da picada do escorpião. Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:5, 6, NVI). A agonia física e a angústia emocional serão tão lancinantes e terríveis que *“os homens mordiam a própria língua, [...] por causa das suas dores e das suas feridas”* (Ap 16:10, 11, NVI).

Como resultado da terrível angústia provocada pelas pragas da ira de Deus, pelos dolorosos tormentos infligidos pelos demônios (Ap 9:5, 6) e em sua desesperada agonia envolvidos por trevas espirituais, pela ausência total da misericórdia, do amor e da graça de Deus, blasfemam contra Deus, não se arrependendo das suas obras, porque a oportunidade para o arrependimento passou para sempre.

Os tormentos descritos pela ação da quinta praga, tornam-se mais compreensíveis à luz da primeira praga quando: *“abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI); da ação da terceira praga, que transforma a água potável dos rios e das fontes de água em sangue como de morto; também da quarta praga, sob cujos efeitos os impenitentes *“foram queimados pelo forte calor”* do sol (Ap 16:9, NVI).

O profeta Sofonias teve uma visão desse tempo de angústia dos ímpios: *“trarei angústia sobre as pessoas, e elas andarão como se estivessem cegas, porque pecaram contra o Senhor. O sangue dessas pessoas será derramado como pó, e a sua carne será espalhada como esterco”* (Sf 1:17, NAA).

“Andarão como se estivessem cegas”, completamente dominadas pelo príncipe das trevas espirituais e os demônios, e ainda sofrendo as consequências dos flagelos da Ira de Deus.

“É impossível descrever o horror e desespero dos que pisaram os santos mandamentos de Deus” (GC, p.530).

Nas pragas derramadas sobre os egípcios, a angústia foi num poder crescente culminando com a terrível noite da morte dos

primogênitos: *“haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve, nem haverá jamais”* (Êx 11:6, ARA). Essa declaração de Deus ecoa Daniel 12:1, predizendo um tempo de angústia para os ímpios, antes de sua total destruição.

Entretanto, assim como aconteceu no Egito, quando os flagelos de Deus arruinaram todo o país do Egito, mas os filhos de Israel se preparavam para o êxodo sob a proteção de Deus, assim também no final das últimas sete pragas, *“se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do povo de Deus, [...] naquele tempo, o povo de Deus será salvo, todo aquele que for achado inscrito no livro”* (Dn 12:1, NAA).

O primeiro ai. Com os acontecimentos do quinto flagelo cumpre-se o primeiro ai proclamado pela *“águia”* ao final da quarta trombeta. Satanás, soltando todos os seus demônios presos no Abismo, e, reunindo-os com todos que estão em atividade, durante cento e cinquenta dias atormentarão todos os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI).

Lúcifer foi criado para honrar e glorificar o seu Criador como a mais gloriosa e honrada criatura de Deus, mas inexplicavelmente se corrompeu e se transformou em Satanás, o inimigo de Deus. Rebelou-se contra o seu Soberano e Criador, e juntamente com os seus demônios, desempenham o realismo do primeiro ai, infligindo terrível tormento *“àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”*, com tal intensidade que *“os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão a morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:4, 6, NVI).

Não olvidando que todo esse tormento começa com a primeira praga, desenvolvendo-se em um processo crescente com a

sequência das pragas, porque os atingidos não conseguem morrer: *“desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI). A morte dos ímpios, somente acontecerá por meio do ato destruidor do poder do exército comandado por Cristo, com a sexta e sétima pragas.

Com o primeiro ai, Deus permitirá que Satanás revele toda a sua malignidade perante o Universo, não apenas em sua atuação contra Cristo e Seus santos, mas nessa oportunidade aumentando o sofrimento de seus próprios súditos, atingidos pelo castigo de Deus.

“O primeiro ai passou. Eis que, depois dessas coisas, vêm ainda dois ais” (Ap 9:12, NAA).

A sexta trombeta e a sexta praga. *“O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: ‘solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’. Então foram soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte da humanidade. O número dos exércitos da cavalaria era vinte mil vezes milhares; eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão, pude ver que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saíam fogo, fumaça e enxofre. Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da boca dos cavalos, foi morta a terça parte da humanidade. Pois a força dos cavalos estava na boca e na cauda deles. As caudas deles eram semelhantes a serpentes, com cabeças, e com elas causavam dano”* (Ap 9:13-20, NAA).

“O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente. Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro a fim de ajuntá-los para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha’. Então ajuntaram os reis no lugar que em hebraico se chama Armagedom” (Ap 16:12-16, NAA).

Ao soar da quinta trombeta, é permitido ao anjo do Abismo, Satanás, libertar o seu exército prisioneiro e prepara-lo para a batalha final.

Ao toque da sexta trombeta, Deus atua nos preparativos finais do Seu exército para essa batalha decisiva. Um poderoso anjo, *“o mesmo que tem a trombeta”*, ordena que sejam soltos *“os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates”*

E o sexto anjo com a sua taça *“da ira de Deus”*, executa a ordem: *“o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente”* (Ap 16:12, NAA).

Dois acontecimentos decisivos relacionados com o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás ocorrerão ao toque da sexta trombeta e da execução da sexta praga, determinando a segunda vinda de Jesus: os quatro anjos presos junto ao grande rio Eufrates serão soltos e o rio secará, preparando o caminho para os *“reis que vem do Oriente”*.

Os quatro anjos junto ao grande rio Eufrates. Quem são esses quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates? O que os mantém amarrados impedindo a sua ação e por que ao toque da sexta trombeta é dada a ordem para que sejam soltos?

Esses quatro anjos destruidores amarrados junto ao grande rio Eufrates, aparecem pela primeira vez em Apocalipse 7, onde o profeta João informa: *“Depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore. Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar: ‘não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos as testas dos servos do nosso Deus’”* (Ap 7:2, 3, NVI) (Destaque acrescentado).

“Quatro poderosos anjos seguram os poderes da Terra até que os servos de Deus sejam assinalados na frente. As nações do mundo são ávidas de conflito; mas elas são detidas pelos anjos. Quando for removido esse poder repressor, haverá um tempo de aflição e angústia. [...] Todos os que não possuem o espírito da verdade se unirão sob a liderança de agentes satânicos. Mas devem ser mantidos sob controle até chegar o tempo para a grande batalha do Armagedom” (Maranata, 2021, p. 256).

Antes do fechamento da porta da graça os servos de Deus receberão o Seu selo, identificando-os como Sua propriedade. Com esse acontecimento ninguém mais terá poder para tocar nos santos de Deus. Também Satanás, colocará a sua marca de identidade sobre o restante da humanidade de todos aqueles que se submeteram à sua liderança.

Quatro anjos estão retendo os quatro ventos, símbolo de contendias, lutas, guerras. *“As nações do mundo são ávidas de conflito; mas elas são detidas pelos anjos”*.

Outro anjo, vindo do Oriente, ordena aos quatro anjos que estão preparados para cumprir sua missão destruidora, que aguardem até findar o assinalamento dos santos.

Realizado o selamento, inicia-se a *“grande batalha do Armagedom”*, dos juízos de Deus com os últimos sete flagelos e, no momento determinado, os quatro anjos destruidores entram em ação. É com essa perspectiva que o profeta João descreve a sua missão: *“que estavam preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço da humanidade”* (Ap 9:15, NVI).

Na sequência o profeta esclarece que não são apenas quatro anjos, mas formam o glorioso exército de Deus, pronto para a batalha. Descrevendo esse exército de anjos, viu-os como cavaleiros montados em cavalos: *“os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o fogo, azuis como o jacinto, e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia a cabeça de um leão, e da sua boca lançavam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas”* (Ap 9:17-18, NVI).

Quem compõe esse um terço da humanidade que é morto pelos quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates, o exército de Deus, que estava preparado *“para aquela hora, dia, mês e ano, [...] para matar um terço da humanidade”* (Ap 9:15, NVI), e foram soltos ao toque da sexta trombeta? O profeta revela que é formado dentre aqueles que *“não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4,

NVI), mas *“tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), um dos alvos dos sete últimos flagelos da ira de Deus.

“O restante da humanidade que não morreu por essas pragas, [...] de fogo, fumaça e enxofre que saíam das suas bocas. O poder dos cavalos estava na boca e na cauda, (Ap 9:20, 18, 19, NVI), o exército de Deus, é identificada como “aqueles que não se arrependeram das obras das suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, nem ouvir, nem andar. Também não se arrependeram dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, da sua imoralidade sexual e dos seus roubos” (Ap 9:20, 21, NVI).

Esse *“restante da humanidade”* identifica-se com aqueles que também não receberam o selo Deus porque rejeitaram a Sua graça e justiça por meio de Cristo Jesus. Também não se identificam com o falso cristianismo, adorando a imagem da besta e recebendo a marca do falso sistema de adoração, mas viveram apegados a corruptas práticas espirituais, criadas por Satanás. Dominados pelos *“demônios, ídolos, assassinatos, feitiçarias, imoralidade sexual e roubos”*.

Esse *“restante da humanidade”* inclui o paganismo professo em suas várias formas, o ocultismo o ateísmo e toda forma de rebeldia e rejeição aos princípios espirituais de Deus comunicados por Sua Palavra nas Escrituras Sagradas. *“Fora ficam os cães, (todos os que se deleitam em práticas nojentas, abomináveis a Deus), os que praticam a feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira”* (Ap 22: 15, NVI)

Todos esses, mesmo *“tendo conhecido a Deus, não o glorificaram com Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. [...] Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém”* (Rm 1:21-23, 25, NVI).

“O resto da humanidade [...] também não se arrependeram” de todas essas práticas abomináveis e condenadas por Deus, será morto ao comando do toque da sétima trombeta, proclamando: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI), e com a execução do sétimo flagelo, culminando com a segunda vinda de Cristo (Ap 16:17-21) pelo esplendor da glória de Jesus, e aniquilados e reduzidos à cinzas no final dos mil anos pelo fogo consumidor de Deus.

Como os últimos sete flagelos aniquilam o “suposto” reino de Satanás, essa destruição somente poderá acontecer depois de fechada a porta da graça, quando os dois grupos, aqueles que têm o selo de Deus na testa e aqueles que têm a marca da besta, estarão perfeitamente identificados (Ap 7).

Secamento do grande rio Eufrates. Já analisamos a declaração do profeta Isaías, 59:2: *“antes, foram as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus”* (BJ).

O *“abismo”* envolve o rompimento das relações espirituais e morais do relacionamento com o Criador e a perda da eternidade dEle recebida. A justiça de Deus exigia a morte eterna.

Entretanto, Deus amou o mundo com amor inexplicável e com um ato de graça por meio de Cristo Jesus, colocou uma ponte sobre o abismo unindo a justiça e a misericórdia: *“a misericórdia e a justiça estavam separadas, em oposição uma à outra. [...] Nosso Senhor e Redentor, [...] implantou Sua cruz entre o Céu e a Terra. [...] Nela um Ser igual a Deus levou a pena de toda injustiça e pecado. Perfeitamente satisfeita, a justiça se curvou reverentemente diante da cruz, dizendo: ‘Basta’. [...] O pecador atraído pelo poder de Cristo para sair da confederação do pecado, aproxima-se da cruz erguida e diante dela se prostra. Então surge uma nova criatura em Cristo Jesus. O pecador está limpo e purificado. Ele recebe um novo coração. A santidade percebe não ter nada mais a exigir. [...] Cristo na cruz foi o meio pelo qual a misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram. Este é o meio de mover o mundo”* (MM, 2021, p. 241).

Em outra mensagem, a inspiração adiciona mais alguns conceitos muito importantes: *“O amor de Deus para com o mundo não se manifestou quando enviou Seu Filho. Na verdade, Ele amava o mundo e por isso enviou Seu Filho, a fim de que a Divindade revestida da humanidade entrasse em contato com esta enquanto a Divindade se apoderava da Divindade. Se bem que o pecado houvesse cavado um abismo entre o homem e seu Deus, uma bondade divina proveu um plano que lançasse uma ponte sobre esse abismo. E que material Ele usou? Uma parte de Si mesmo. O resplendor da glória do Pai veio a um mundo manchado e endurecido pela maldição e, mediante Seu caráter, mediante Seu corpo divino, estabeleceu a ponte sobre o abismo. [...] As janelas do Céu se abriram e os chuveiros da graça divina, como fluxos curadores,*

caíram em nosso mundo entenebrecido. [...] Oh que amor; que incomparável, inexprimível amor!” (MM, 1962, p. 10, destaque adicionado).

A graça é a insuperável dádiva de Deus para oferecer perdão e justificação, colocando a ponte da justiça e do amor sobre o abismo do pecado e convidando o pecador para sobre ela caminhar em direção ao seu Criador, que por meio de Cristo Jesus está vindo ao Seu encontro celebrar a reconciliação, porque a iniciativa de todo o processo começou com Deus: *“Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo. [...] Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”* (1Co 5:18, 21, NVI).

Aceitar a graça da justiça de Deus por meio de Cristo, significa perdão, justificação e salvação; desprezar e rejeitar a oferta da graça, significa condenação para a morte eterna: *“quem nele crê não é condenado. Mas quem não crê, já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”* (Jo 3:18, NVI).

“Pela vida e morte de Cristo, também os pensamentos dos homens são trazidos à luz. [...] Em sua atitude em relação a Cristo, todos manifestariam de que lado se achavam. E assim todos passam sobre si mesmos o julgamento” (DTN, p. 57).

O final do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás será assinalado pelo momento em que o abismo do pecado separará definitivamente os pecadores rebeldes e impenitentes do Deus de amor e justiça, porque a ponte da graça, a intercessão de Cristo, será totalmente removida.

Com o toque da sexta trombeta, o sexto anjo com a sua taça executa a ordem: *“o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente”* (Ap 16:12, NAA).

Compreendemos que os quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates constituem o exército de Deus preparado para a batalha final do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás. Qual o significado simbólico do grande rio Eufrates e o seu secamento, preparando o *“caminho para os reis que vem do Oriente”* (Ap 16:12, NVI)?

Intérpretes das profecias apocalípticas argumentam que o secamento do rio Eufrates simboliza a mudança de posição dos poderes temporais em relação à Babilônia espiritual, fundamentados na argumentação do profeta João: *“então o anjo me disse: ‘as águas que você viu, onde está sentada a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas. A besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta. Eles a levarão à ruína e a deixarão nua, comerão a sua carne e a destruirão com fogo, pois Deus colocou no coração deles o desejo de realizar o propósito que ele tem, levando-os a concordarem a dar à besta o poder que eles têm para reinar até que se cumpram as palavras de Deus”* (Ap 17:15-17, NVI).

Os poderes temporais compreendendo que foram enganados pelos falsos ensinamentos de Babilônia, contra ela se voltam, destruindo-a. Como interpretação secundária está correta e faz sentido. No entanto, teria a ação de poderes temporais, a competência de conservar amarrados os quatro anjos junto ao grande rio Eufrates, o poderoso exército celestial, impedindo a sua ação, e ao toque da sexta trombeta ordenam que os soltem para que cumpram a sua

missão de matar em primeiro momento a terça parte da humanidade? Faz sentido, considerando o Deus Todo-poderoso em Suas ações contra Satanás e o seu “suposto” reino, no contexto do grande conflito cósmico espiritual em relação ao preparo do *“caminho para os reis que vem do Oriente”* (Ap 16:12, NVI), que entendemos como a volta de Cristo como o Rei dos reis e o Senhor dos senhores?

Existe algum poder de Satanás ou humano que impeça as ações de Deus, ou determine as condições para a volta de Jesus? Por meio do profeta Isaías, Deus declara: *“desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade revelo as coisas que ainda não sucederam. Eu digo: o Meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a Minha vontade”* (Is 46:10, NAA).

O plano da salvação, estabelecido por Deus na eternidade, e os acontecimentos do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás nunca estiveram limitados ou condicionados a circunstâncias externas, quer do poder de Satanás, quer de poderes humanos, mas se desenvolvem segundo a presciência da Sua vontade, seguindo o programa estabelecido na eternidade, independentes de qualquer outra interferência.

O poder que impede as ações de Deus sem misericórdia
Por meio do profeta Isaías, Deus faz essa declaração sucinta, mas contundente em relação à Sua maneira de agir: *“Eu predisse há muito as coisas passadas. Minha boca as anunciou, e Eu as fiz conhecidas, então repentinamente agi, e elas aconteceram”* (Is 48:3, NVI).

Agindo por meio do poder dos Seus atributos de onipotência, onisciência, onipresença e presciência, Deus determinou todos os acontecimentos no desenvolvimento do plano da salvação, do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, e previu

todas as escaramuças de Satanás para desviar a mente dos seres humanos da Sua infinita justiça, do Seu incomensurável amor e da Sua superabundante graça. O poder desses atributos, explicam e justificam porque Deus nunca é colhido de surpresa por qualquer astuta artimanha do inimigo. Todos os acontecimentos estão previstos e se encontram sob o Seu inteiro e perfeito controle.

Sobre Sua maneira de executar os juízos finais, é declarado: *“antes do fim do tempo da graça, todos os juízos sobre os seres humanos foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo (a graça) tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas, no juízo final, a ira é derramada sem estar misturada com a misericórdia”* (GC, p. 522).

Na execução do plano da salvação e na destruição do reino de Satanás e de toda a temporalidade do pecado, qual o único poder que detém a ação da justiça de Deus, do castigo sem misericórdia? A justiça de Deus sem misericórdia, somente pode ser executada com a total ausência do poder da Sua superabundante graça, manifestada por meio de Cristo Jesus, que é a fonte de vida e segurança para o pecador. O rio da graça, a poderosa intercessão de Cristo, precisa cessar de exercer o seu poder protetor, ou na expressão do profeta João, secar, para que os pecadores impenitentes recebam a justa punição *“da ira de Deus”* sem misericórdia, decretada pela justiça de Deus.

“A severidade da retribuição que aguarda o transgressor pode ser julgada pela relutância do Senhor em executar justiça. A nação que, por tanto tempo, Ele suporta e que não ferirá antes de ela ter enchido a medida de sua iniquidade, segundo os cálculos divinos, beberá, por fim, a taça da ira sem misericórdia” (GC, p. 521).

Enquanto o grande rio da graça, Cristo Jesus, espalha as suas águas intercessoras, os quatro anjos estão amarrados, não recebendo ordem de seu “Capitão” para entrar em ação. *“Nos céus, o Senhor estabeleceu o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo. Bendigam o Senhor os seus anjos, valorosos em poder, que executam as suas ordens e lhe obedecem a palavra”* (Sl 103:19, 20, NAA).

O poder da graça, emanado de Cristo Jesus, impede o castigo sem misericórdia: *“depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore. Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar: ‘não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos as testas dos servos do nosso Deus’”* (Ap 7:2, 3, NVI).

Enquanto o processo redentor da graça está desenvolvendo a sua obra de salvar pecadores, assinalando-os com o Espírito Santo que os ensina a viver em harmonia com a vontade de Deus, e, *“é a marca de propriedade de Deus colocada em vocês, a qual é a garantia de que chegará o dia em que Deus os libertará”* (Ef 4:30, NTLH), quatro anjos estão nos quatro cantos da Terra retendo outros quatro anjos que têm o *“poder para danificar a terra e o mar”*.

Os quatro anjos com poder para danificar a terra e o mar, somente serão autorizados para realizar a sua obra depois do selamento de todos os servos do nosso Deus, portanto, depois de fechada a porta da graça.

Esses quatro anjos, em sua missão para destruir se identificam com os quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates, que também estão impedidos de realizar a sua missão até que chegue o momento determinado.

O grandioso propósito da missão da graça precisa concluir a sua obra de selamento, para só então os quatro anjos que seguram os ventos dos quatro cantos da Terra, receberem a ordem de soltar os ventos e os quatro anjos destruidores ouvirem a ordem para executar a sua missão. O poder da graça impede a ação do poder do castigo sem misericórdia.

“Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42)

Fechando-se a porta da graça, a justiça punitiva de Deus será executada sem misericórdia, porque a Sua ira que sempre se manifestou contra o pecado, no final do grande conflito se manifestará na destruição do pecado e também dos pecadores rebeldes. No plano perfeito de Deus, de justiça e amor, não existe espaço para o pecado.

Acontecimentos que iluminam. Para a grande cidade Babilônia, seus habitantes e a sua sobrevivência, o rio Eufrates era um perfeito símbolo de vida e segurança. Assim, como símbolo espiritual, o grande rio Eufrates tipifica a graça de Deus manifesta por meio de Cristo, o único que pode conceder vida e segurança para toda a humanidade. Cristo Jesus é o único Todo-poderoso que tem as *“chaves da morte e do Hades”* (Ap 1:18, NVI), e por Sua

determinação fecha a porta da graça, o manancial da vida, e ordena ao Seu exército que execute a missão destruidora do pecado e dos pecadores rebeldes.

No entanto, assim como o rio Eufrates não secou em seus mananciais, mas foi desviado do seu leito, o secamento do grande rio da graça, não acontece porque o manancial para de jorrar, Cristo, a graça eterna, mas porque o rio da graça é desviado do seu grande propósito, em consequência da rejeição ousada e rebelde dos pecadores impenitentes, embriagados com o vinho escarnecedor do pecado oferecido por Satanás.

O mundo antediluviano chegou a uma condição de rebeldia contra Deus que, *“então disse o Senhor: por causa da perversidade do homem, meu Espírito não contendrá com ele para sempre”* (Gn 6:3, NVI).

O apóstolo Paulo faz uma declaração poderosa sobre a rejeição da atuação do Espírito Santo lutando com os pecadores para aceitar a graça: *“quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o Espírito da graça?”* (Hb 10:29, NVI).

O mundo sofreu as consequências catastróficas da destruição por meio do dilúvio, porque a humanidade *“pisou aos pés o Filho de Deus”*, o manancial da graça; *“profanou o sangue da aliança”*, a revelação da graça santificadora; *“e insultou o Espírito da graça”*, o Deus eterno que apela e conduz os pecadores para o manancial da graça.

A graça de Deus foi pisada, profanada e insultada, e essa afrontosa rejeição fez Deus fechar a porta da graça, tipificada pela porta da arca, a provisão salvadora da graça, e o rio da graça “secou” para os pecadores rebeldes, dominados por Satanás. *“Quando o Espírito é afinal rejeitado, nada mais pode Deus fazer pela alma”* (DTN, p. 322).

Quando a porta da graça foi fechada, a destruição sobreveio por meio da manifestação da *“ira de Deus”* sem misericórdia, e o mundo foi subvertido pelas águas do Dilúvio.

Quando Deus revelou para Abraão que retirou a Sua graça de cinco cidades, porque ela foi totalmente rejeitada, e as destruiria (Gn 18:17-33; Dt 29:23), atendeu o pedido de Ló, poupando Zoar da destruição. Mas há um detalhe muito significativo na declaração de Deus: *“vá depressa e refugie-se nela; pois nada posso fazer, enquanto você não tiver chegado lá”* (Gn 19:22, NAA). A cidade seria poupada porque um *“justo”*, era presença suficiente para o tamanho daquela cidade para a graça de Deus impedir a Sua ação da justiça sem misericórdia; A destruição estava determinada, mas ela somente não aconteceria com a presença de um *“justo”*. *“Nada posso fazer, enquanto você não tiver chegado lá”* É a graça de Deus que limita a Sua ação destruidora.

Entretanto, a rejeição da graça pelos habitantes de Zoar, continuou ousada e atrevida apesar da destruição das quatro cidades vizinhas. *“Ló habitou pouco tempo em Zoar. A iniquidade prevalecia ali como em Sodoma, e ele temeu ficar pelo receio de ser destruída a cidade. Não muito tempo depois, Zoar foi consumida, conforme havia sido o intuito de Deus. [...] As chamas que consumiram as cidades da planície transmitem sua luz de advertência até os nossos*

dias. Aprendemos a terrível e solene lição de que, ao mesmo tempo que a misericórdia de Deus suporta longamente o transgressor, há um limite além do qual os homens não podem ir no pecado. Quando é atingido aquele limite, a oferta da misericórdia é retirada e inicia-se a execução do juízo” (PP, p. 133, 130).

As consequências da rejeição da graça *“Mas aquele que rejeita a obra do Espírito Santo, assume uma posição que impede o acesso ao arrependimento e a fé. É pelo Espírito que Deus opera no coração; quando o homem rejeita voluntariamente o mesmo, e declara que é de Satanás, corta o conduto por onde Deus Se pode comunicar com ele. Quando o Espírito é afinal rejeitado, nada mais pode Deus fazer pela alma” (DTN, p. 322).*

“Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou para a salvação ou para a destruição; e que a ira de Deus não poderia manifestar-se sem que Jesus concluísse Sua obra no lugar santíssimo, depusesse Seus adereços sacerdotais e Se vestisse com vestes de vingança. Então Jesus sairá de Sua posição entre o Pai e a humanidade, e Deus não mais silenciará, mas derramará Sua ira sobre aqueles que rejeitaram Sua verdade. [...] Quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele se levantará, trajará as vestes de vingança, e então as últimas sete pragas serão derramadas” (PE, p. 36).

“Vestiu-se da justiça como de uma couraça, cobriu-se de vestes de vingança – como de uma túnica –, vestiu-se de zelo como de uma capa” (Is 59:17, BJ).

Jesus precisará despir as Suas vestes de Sumo Sacerdote, as vestes da graça, e trajar as vestes de Rei, para então dar ordens a Seu poderoso e valoroso exército, soltando-o para executar a sua

missão. Essa é a única condição e circunstância que impede a execução da justiça de Deus sem misericórdia.

“Mas, no juízo final, a ira é derramada sem estar misturada com a misericórdia” (GC, p. 522). Como a graça perdoadora e redentora de Deus por meio de Cristo Jesus, é totalmente rejeitada, cessa a sua atuação protetora em favor do pecador rebelde, dominado por Satanás.

Essa ação da *“ira de Deus”* sem misericórdia inicia com o toque do primeiro anjo soando a sua trombeta, como acontecia com as guerras de Israel contra os seus inimigos, proclamando o ataque contra o “suposto” reino de Satanás, e o primeiro anjo com a sua taça destruidora avança para executar a sua missão. E assim, em sucessão ininterrupta, ao toque de cada trombeta os flagelos são lançados.

“Na ocasião em que os juízos de Deus estiverem caindo sem misericórdia, oh! quão invejável para os ímpios será a posição dos que habitam ‘no esconderijo do Altíssimo’! [...] Mas a porta da graça estará fechada para os ímpios (EF, p. 202).

Isso acontecerá em escala coletiva depois de ser fechada a porta da graça. Cessando a intercessão de Cristo em favor dos pecadores, a reação contra Deus se manifestará em escala crescente com a sequência das consequências da ação das pragas.

“O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: ‘solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’. Então foram soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o

dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte da humanidade. O número dos exércitos da cavalaria era vinte mil vezes milhares; eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão, pude ver que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saíam fogo, fumaça e enxofre. Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da boca dos cavalos, foi morta a terça parte da humanidade. Pois a força dos cavalos estava na boca e na cauda deles. As caudas deles eram semelhantes a serpentes, com cabeças, e com elas causavam dano” (Ap 9:13-20, NAA).

Em cumprimento da ordem “o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e secaram-se as suas águas para que fosse preparado o caminho para os reis que vêm Oriente” (Ap 16:12, NVI).

Todas as missões destruidoras contra o “suposto” reino de Satanás foram executadas e o caminho está preparado para a vinda dos Reis do Oriente

O sétimo anjo toca a sua trombeta anunciando: “o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Ap 11:15, NVI). E o sétimo anjo lança a sua taça no ar, “e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: ‘está feito!’” (Ap 16:17, NVI).

É o glorioso dia da vinda dos Reis vindo do Oriente, e trazendo o galardão de eternidade para todos aqueles que aceitaram a Sua oferta da graça; a condenação eterna para todos aqueles que a rejeitaram e o ato de vingança contra o autor da rebelião e do pecado.

“Pois o dia da vingança estava no meu coração e chegou o ano da minha redenção (Is 63:4, NVI).

Por que somente na sexta praga? No entanto, se a graça cessou a sua atividade em favor dos pecadores com a abertura do sétimo selo, por que somente na sexta trombeta ecoa a ordem: *“solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates”*, Cristo, o grande rio do poder da graça? E o grande rio seca, preparando o *“caminho para os reis que vem do Oriente?”* (Ap 9:14 e 16:12, NVI)

A resposta se encontra na sequência progressiva do plano da ação destruidora das pragas sobre o “suposto” reino de Satanás e na reação progressiva contra Deus, dos seres humanos por elas castigados. As pragas atingem o reino de Satanás, *“aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), com devastações aumentando a cada praga.

Uma questão muito importante na ação das pragas, é que até a quinta praga os seres humanos, *“aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), serão atormentados pelas consequências do poder das pragas, mas não morrerão, excluía a terceira praga.

Com a execução da quinta praga os demônios comandados por Satanás, receberão permissão para causar *“tormento aos homens durante cinco meses”* (Ap 9:10, NVI), isto, somente a todos os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), aumentando o seu tormento de sofrimentos, mas não recebendo o poder para matá-los (Ap 9:5), colocando em evidência a inquestionável Soberania de Deus (Ap 9:15).

Em resposta à quarta praga, os atingidos *“amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se e glorificá-Lo”* (Ap 16:9, NVI).

Sob a ação da quinta praga, os homens *“blasfemaram contra o Deus dos céus, [...] contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado”* (Ap 16:11, NVI).

A rejeição total do poder da graça acontece quando a criatura se ergue contra o seu Criador, amaldiçoando o nome de Deus e blasfemando contra Ele, como aconteceu com a rebelião de Lúcifer. O grande rio da graça seca para aqueles que são o objeto de Sua ação amorosa, mas que rejeitam com atitude ousada, insolente e abominável essa dádiva de Deus.

As pragas em suas várias formas atingirão e causarão destruição em todos os domínios do “suposto” reino de Satanás, mas a destruição de seres humanos *“que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), mas *“tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), somente acontecerá em primeiro momento durante a sexta praga. A destruição se dará pela ação do exército de Deus, que o profeta João descreve por meio de símbolos: *“Os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o fogo, azuis como o jacinto, e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia a cabeça de um leão, e da sua boca lançavam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas. O poder dos cavalos estava na boca e na cauda; pois as suas caudas eram como cobras; tinham cabeças com as quais feriam as pessoas”* (Ap 9:17-19, NVI).

Sob essas circunstâncias e condições o anjo da sexta trombeta ordenará: soltem os quatro anjos que estão amarrados pelo poder Soberano da autoridade de Cristo Jesus, nos Céus e na Terra (Mt 28:18), porque o impedimento, a Sua graça, foi totalmente desviado pela rejeição insultuosa e blasfema, e cessou a sua poderosa ação redentora e protetora, para os pecadores rebeldes.

Esses quatro anjos, detidos pela Soberana autoridade da graça protetora de Cristo Jesus, que em verdade constituem o poderoso e inumerável exército de anjos de Deus e de Cristo, no momento certo, exato, *“preparados para aquela hora, dia, mês e ano”* (Ap 9:15, NVI), determinado por Deus, no grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, entrará em ação, avançará para realizar a sua estranha e devastadora obra (Is 28:21), quando, *“pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saiam da boca dos cavalos, foi morta uma terça parte da humanidade”* (Ap 9:18, NAA), em sua primeira operação na batalha final do grande conflito, destruindo parte do *“esplendor”* do reino de Satanás.

É importante dar atenção ao fato de que nessa ação da sexta praga, um terço da humanidade, súditos do “suposto” reino de Satanás, será aniquilada pelo poder dos exércitos de Deus, sem que os exércitos de Satanás ofereçam qualquer intervenção de resistência.

Então o profeta declara que *“o restante da humanidade que não morreu por essas pragas, fogo, fumaça e enxofre, nem assim se arrependeu das obras de suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios [...]”*. (Ap 9:20, NVI).

Com o majestoso rio da graça seco de suas águas, *“o caminho para os reis que vêm do Oriente”* (Ap 16:12, (NVI), está preparado, e

então acontece o sétimo flagelo, espalhado pelo ar, *“e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: ‘está feito!’ Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto”* (Ap 16:17, 18, NVI).

É a volta de Cristo Jesus, com majestade Soberana, poder de vencedor e glória deslumbrante, *“os reis que vem do Oriente”*, e é pelo esplendor *“de sua vinda”* (2Ts 2:8, NVI), que o restante da humanidade será morta (Ap 19:17, 18 e 6:14-17).

O profeta Isaías teve visão semelhante da intervenção de Deus no final do grande conflito cósmico espiritual: *“Porque eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros de guerra, como uma tempestade, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada o Senhor entrará em juízo com toda a humanidade; e serão muitos os mortos da parte do Senhor”* (Is 66:15, 16, NAA).

A graça é o poder de Deus para curar vidas contaminadas pelo pecado: *“Mas ele foi transpassado por causa de nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados”* (Is 53:5, NVI).

Para eliminar o pecado, o ato é realizado por Deus com ira sem mistura de misericórdia, isto é, total ausência de graça. *“Pois, o dia da vingança estava no meu coração, e chegou o ano da minha redenção (retribuição, BJ). Na minha ira pisoteei as nações; na minha indignação as embebedei e derramei na terra o sangue delas”* (Is 63:4, 6, NVI).

Para executar esse ato, é preciso que *“Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança”* (TI, v. 8, p. 42).

O profeta Isaías descreve com palavras dramáticas esse ato de Deus: *“o Senhor se levantará como fez no monte Perazim, mostrará sua ira como no vale de Gibeom, para realizar sua obra, obra muito estranha, e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa”* (Is 28:21, NVI). *“Pois fiquei sabendo do Senhor Deus de todo poder que a destruição da terra inteira está decidida”* (Is 28:22, TEB).

Destruir as obras realizadas pelo poder e amor de Sua Palavra, mas que foram contaminadas pelo inimigo com a chaga maligna e abominável da temporalidade do pecado, é um ato muito estranho e misterioso para o Deus de justiça, amor e graça. Entretanto, para restaurar este mundo ao seu primeiro domínio (Mq 4:8), esse estranho e misterioso ato da ira de Deus contra o pecado, será executado com a total ausência da graça.

É a rejeição dessa manifestação incompreensível e inexplicável do amor e da graça, com espírito de ousada rebelião, que seca o grande rio Eufrates da superabundante graça de Deus, que jorra inesgotável da Fonte eterna, Cristo Jesus. O rio da graça não seca, porque a Fonte, Jesus, deixa de existir, mas porque o reconhecimento da dependência dela é totalmente rejeitada pelo pecador rebelde, dominado pelo espírito da rebelião de Satanás.

“As trevas espirituais que caem sobre as nações, igrejas e indivíduos não são devidas à retirada arbitrária do socorro da graça divina por parte de Deus,. Mas a negligência ou rejeição da luz divina por parte dos homens” (GC, p. 322).

Assim aconteceu com Lúcifer no Céu. Assim aconteceu com o mundo antediluviano. Assim aconteceu com Sodoma e Gomorra. Assim aconteceu com os povos cananitas: *“Deus declarou a razão pela qual devia transcorrer esse tempo. Disse-lhes que a iniquidade dos amorreus ainda não havia atingido o ponto máximo, e que a expulsão e o extermínio deles não podia ser justificado até que enchessem a medida de sua iniquidade. [...] É assim que Deus lida com as nações. Ao longo de um período de graça Ele exerce longanimidade para com nações, cidades e indivíduos. Mas quando fica evidente que não querem vir a Ele para ter vida, eles são visitados com juízos. Chegou o tempo quando os juízos de Deus foram infligidos aos amorreus, e virá o tempo quando todos os transgressores da lei de Deus ficarão sabendo que Ele não inocenta o culpado”* (Ellen G. White, CBASD, v. 1, p. 1204. Destaque acrescentado).

A presença da graça significa vida, a ausência da graça pela rejeição atrevida e insolente, seca o grande rio Eufrates e significa condenação, juízos sem misericórdia e morte eterna.

Deus, na proclamação do Seu plano redentor conduziu José para o Egito para revelar *“às nações pagãs as bênçãos que sobrevêm a humanidade mediante o conhecimento de Deus. [...] a fim de que a iluminação celestial se estendesse perto e longe. [...] José foi o representante de Cristo. Em seu benfeitor, [...] deviam contemplar o amor de seu Criador e Redentor”* (TI, v. 6, p. 219, 220).

Os egípcios, dominados por Satanás, rejeitaram a oferta da graça de Deus e na pessoa do faraó e sua liderança, insultaram e desafiaram a Soberania de Deus: *“Quem é o Senhor, para que eu lhe obedeça? Não conheço o Senhor”* (Êx 5:2, NVI).

Parafraseando, faraó declarou: *“Quem é esse Senhor da graça? Não O conheço e não tenho nenhum interesse em conhecê-Lo”*.

A progressiva rejeição das manifestações de Deus, culminaram com o crescente poder destruidor das pragas até o completo aniquilamento do exército egípcio, símbolo de Satanás e do seu reino.

Do mesmo modo, no final do grande conflito espiritual, fechada a porta da graça, os juízos de Deus serão executados com poder destruidor progressivo e crescente, culminando com o completo extermínio do pecado e pecadores, raiz e ramos, reduzidos a cinzas.

Enquanto os egípcios foram o alvo da justiça de Deus sem misericórdia, porque rejeitaram a dádiva da Sua graça, os israelitas viveram a gloriosa experiência da proteção da graça, tipificada no sangue do cordeiro nos umbrais das portas, e libertos do poder do anjo destruidor, partiram para a sua herança.

“A pintura dos umbrais das portas com o sangue do cordeiro imolado representava o sangue de Cristo, o qual deveriam aguardar com expectativa. [...] O cordeiro sem mancha representava o imaculado Cordeiro de Deus, sem qualquer contaminação do pecado. Assim como as casas de Israel deveriam ser aspergidas com sangue, para que o anjo destruidor passasse por cima delas sem se deter, é necessário que nós nos arrependamos dos nossos pecados e nos apropriemos dos méritos do sangue de Cristo para nos proteger do anjo vingador de Deus no dia da matança. Somente por meio de Cristo nosso perdão pode ser obtido. Seu sangue nos guarda de um Deus vingador dos pecados” (MM, 2022, p. 257).

O sangue tipificado do Cordeiro, a graça, determinou a diferença entre os israelitas e os egípcios. Para os israelitas, a presença do sangue do Cordeiro, a graça, proveu proteção e libertação; para os egípcios, a ausência do sangue tipificado do Cordeiro, a graça, permitiu a condenação sem misericórdia.

É a rejeição da graça que determina a destruição do autor da rebelião, Satanás, seus demônios e todos aqueles que a ele se submeteram e o adoram. *“A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que começou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus”* (PP, p. 9).

Uma questão muito importante: A graça, Deus somente pode manifestar por meio de Jesus Cristo; a Sua ira, destruindo os pecadores rebeldes, Ele fará acontecer por meio dos anjos, o Seu poderoso exército. No final do grande conflito de conceitos espirituais, com a rejeição completa da graça, Cristo Jesus, o exército de anjos receberá a ordem de comando para executar a missão a ele confiada: derramar a ira de Deus contra o pecado e os pecadores rebeldes, para destruí-los totalmente. Todavia, o glorioso espetáculo da redenção pela eterna graça é a majestosa manifestação no desfecho final do grande conflito e será celebrado ao longo da eternidade. *“O dia da ira para os inimigos de Deus é o dia de final livramento para a Sua igreja”* (PR, p. 727).

Assim como a presença da graça significa vida, salvação, redenção e eternidade, a ausência da graça significa morte, condenação, destruição e redução à cinzas.

Uma questão muito importante. Em Apocalipse 16:2, o profeta João deixa evidente de que os últimos sete flagelos

constituem a consumação *“da ira de Deus [...] naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (NVI). Portanto, são acontecimentos que ocorrerão depois do fechamento da porta da graça.

Em Apocalipse 9:4 e 5, demonstra que os demônios soltos por Satanás do poço do Abismo, ao toque da quinta trombeta, *“receberam ordens para não causar dano nem a relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa. Não lhes foi dado poder para mata-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses”* (NVI).

Já foi analisado que esse acontecimento somente poderá ocorrer durante o período das sete últimas pragas. Os justos serão selados pouco antes de fechar a porta da graça, oportunidade em que os ímpios receberão a marca da besta, identificando-os como súditos de Satanás e definindo duas classes distintas. (Ap 7:1-8). E, Ellen G. White informa que *“os justos vivos receberão o selo de Deus antes do fim da graça. [...] A observância do domingo não é ainda o sinal da besta, e não o será até que saia o decreto compelindo as pessoas a venerarem esse falso sábado. [...] Ninguém recebeu até agora o sinal da besta”* (MM, 2021, p. 297).

Se o selo de Deus é colocado sobre os justos vivos antes de finalizar a graça e a marca da besta somente terá vigência com o decreto dominical, que ainda não aconteceu, inviabiliza o cumprimento desse lance profético em qualquer período anterior ao fim da graça.

Portanto, encontramos nesse lance profético mais um forte argumento de que a graça, a intercessão de Cristo Jesus em favor dos pecadores, precisa cessar, para que a execução da ira de Deus

sem misericórdia realize a sua estranha obra e a segunda vinda de Jesus como Rei dos reis, aconteça, trazendo o galardão para justos e injustos.

Graça no mundo restaurado. Vencido o pecado e reintegrado o homem ao Universo sem pecado, a graça será a permanente companheira entre Redentor e redimidos: *“Pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, conduzindo-os até às fontes de água da vida”* (Ap 7:17, BJ).

No capítulo 22:1 e 2 de Apocalipse, a certeza da graça, como o dom que comunica vida eterna aos santos no mundo renovado, é transmitida nestas palavras: *“Então o anjo me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça da cidade, e de um e do outro lado do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês. E as folhas da árvore são para a cura dos povos”* (NAA).

Água que comunica vida; frutos que comunicam vida; folhas que comunicam vida. Assim como o manancial renova permanentemente as suas águas, a árvore da vida, de modo permanente e certo renova seus frutos. Símbolos perfeitos da permanente provisão de graça para os redimidos, pela permanente e visível presença de Cristo. Vida eterna jorrando do Manancial de graça eterna – o trono de Deus e do Cordeiro.

O rio Eufrates no jardim do Éden. Entretanto, a Escritura Sagrada traz uma questão muito importante relacionada com o rio Eufrates, no jardim do Éden, antes da queda de Adão. Moisés informa em seu relato sobre a criação na Terra: *“e um rio saía do*

Éden para regar o jardim e de lá se dividia, repartindo-se em quatro braços. [...] E o quarto rio é o Eufrates” (Gn 2:10-14, NAA).

O profeta João informa que no mundo restaurado ele viu “*o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro*” (Ap 22:1, NAA). Esse rio da água da vida que brota do trono de Deus como a permanente e imutável garantia comunicando vida eterna a todos os redimidos do pecado e a todas as Suas criações no Universo, encontra o seu antitípico no “*rio que saía do Éden*”.

O rio que saía do jardim do Éden, o centro do governo de Deus no planeta Terra, era a garantia da presença permanente da graça de Deus, brotando de Seu trono, a Fonte eterna, inesgotável, de vida abundante, executando a missão de regar e sustentar toda a Sua criação executada no jardim, concedendo vida. E então, se dividia em quatro braços, executando a mesma missão para todo o planeta, como a manifestação permanente da inteira dependência de toda a criação do seu Criador, isto é, da graça de Deus. “*E o quarto rio é o Eufrates*” (Gn 2:14, NAA).

Assim será no mundo restaurado: “*o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro*” (Ap 22:1, NAA), a eterna graça, “*a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus*” (Is 35:2, NVI), comunicará a glória e o esplendor da Sua eternidade aos seres humanos e à natureza restaurados.

“*E um rio saía do Éden, repartindo-se em quatro braços*” (Gn 2:10, NAA). Dois salmos trazem argumentos profundamente significativos que fazem pensar sobre os quatro braços do rio que procede do Éden: “*justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem*” (Sl 89:14, NAA).

Quatro braços de um rio que procede do jardim do Éden; quatro fundamentos do trono de Deus.

Outro Salmo declara: *“a graça e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram”* (Sl 85:10, NAA).

Jesus deixou o Seu trono no Céu, trazendo Consigo os quatro fundamentos do Seu Reino, e veio ao mundo em rebelião, dominado por Satanás. Viveu e ensinou a verdade, sofrendo, como inocente e sem pecado, a condenação da justiça, e assim revelou a superabundância da graça, e restabeleceu a paz entre o Criador e a criatura, desfazendo a transgressão, a iniquidade, com o restabelecimento do direito, a equidade. Onde o direito domina, a paz é o fundamento que orienta o relacionamento.

“Pois aprovou a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e tudo reconciliar por meio dele e para ele, na terra e nos céus, tendo estabelecido a paz pelo sangue de sua cruz” (Cl 1:19, 20, TEB).

A graça é a revelação do incompreensível e inexplicável amor e justiça de Deus no plano da criação e da redenção por meio de Jesus Cristo. *“Pode-se meditar nele todos os dias de nossa vida; pode-se esquadrihar diligentemente as Escrituras a fim de compreendê-lo; pode-se reunir toda faculdade e poder a nós concedidos por Deus, no esforço de compreender o amor e a compaixão do Pai celeste; e todavia existe ainda um infinito para além. Pode-se estudar por séculos esse amor, não obstante jamais se poderá compreender plenamente a extensão, a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus em dar Seu Filho para morrer pelo mundo. A própria eternidade nunca o poderá bem revelar”* (TI, v. 5, p. 740).

Jesus anuncia a Sua volta. Com o grande rio Eufrates, o rio da graça em sua obra perdoadora, justificadora e restauradora completamente seco pela rejeição, e o seu poder protetor e intercessor sem atuação em favor do pecador rebelde, o cenário em todos os detalhes estará preparado com o caminho para que venha do Oriente o Rei dos reis com todo o Seu glorioso exército, trazendo a recompensa de vida eterna para todos aqueles que aceitaram a Sua oferta de graça perdoadora e justificadora, e a condenação eterna para todos aqueles que a rejeitaram.

No entanto, Satanás, que testemunhará a devastadora destruição em todo o seu “suposto” domínio a partir do primeiro flagelo, incluindo a morte da terça parte de seus súditos pelo poderoso exército exterminador de Deus durante a sexta praga, não aceitará perder o seu domínio sobre os habitantes deste mundo e coloca em ação todo o seu poder de engano: *“então vi saírem da boca do dragão, da boca da besta, da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios que realizam sinais miraculosos; eles vão aos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso”* (Ap 16:13, 14, NVI).

Atente-se com atenção: *“são espíritos de demônios que realizam sinais miraculosos”*, que se dirigem aos poderes temporais de todo o mundo para atraí-los a Satanás e reuni-los para a grande *“batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso”* (Ap 16:14, NVI).

Enquanto os espíritos satânicos realizam o seu esforço final para salvar o reino de Satanás, Jesus faz a gloriosa e aguardada proclamação: *“Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que*

permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha” (Ap 16:15, NVI).

A essa gloriosa proclamação de Cristo, ansiosamente aguardada pelos santos expectantes, segue a momentosa proclamação de Deus: *“A voz de Deus é ouvida do céu, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus e estabelecendo concerto eterno com Seu povo” (CS, p. 692).*

Tudo também estará preparado para a decisão da *“batalha do grande dia do Deus todo-poderoso” (Ap 16:14, NVI)*, a batalha do Armagedom (Ap 16:16).

O poderoso engano de Satanás. Anunciado o dia da volta de Jesus, Satanás tentará contrafazer este glorioso e vitorioso acontecimento de Cristo, e aparecerá de forma espetacular, imitando a volta de Jesus, e0 enganando os habitantes da Terra: *“Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus como indício do poder dos demônios, que realizarão milagres. Os espíritos diabólicos irão aos reis da Terra e ao mundo inteiro para mantê-los no engano e forçá-los a se unir a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu. Por meio desses agentes, tanto governantes como súditos serão enganados. [...]*

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará a Cristo. [...] Assim o grande enganador fará parecer que Cristo veio. [...] Curará as doenças do povo, (deixando de atormentá-lo, Ap 9:5) com as terríveis dores e feridas (Ap 16:11), e, afirmando ser o próprio Jesus, alegará ter mudado o sábado para o domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. [...] Esse será um engano poderoso, e quase invencível” (GC, p. 518, 519).

Satanás, vendo o seu esquema de luta contra Cristo e Deus, completamente desmoralizado, entrará em ação com todos os seus demônios, no mundo inteiro para segurar os seus governantes e habitantes unidos a ele, operando grandes sinais: *“afirmando ser o próprio Jesus. [...] Fará parecer que Cristo veio. [...] Curará as doenças do povo, [...] alegará ter mudado o sábado para o domingo. [...] Esse será um engano poderoso quase invencível”* (GC, p. 518, 519).

O decreto de morte dos santos. Com as manifestações de Satanás, contrafazendo a segunda vinda de Jesus e proclamando que o dia de adoração e reconhecimento de Deus como o Soberano, é o domingo, ele incitará os poderes espirituais e temporais para proclamar a santidade do domingo e determinar a morte de todos os que se recusam submeter a este falso sábado. Tal como aconteceu com os judeus na Medo-Pérsia, será decretado um dia para executar todos os hereges rebeldes.

“E Satanás une-se com protestantes e católicos, agindo em parceria com eles como o deus deste mundo, ordena aos homens como se fossem os súditos de seu reino, para serem manejados, governados e controlados conforme lhe agrada. [...] Satanás usurpa, assim, as prerrogativas de Jeová. O homem do pecado assenta-se no templo de Deus, ostentando-se como se fosse Deus e agindo acima de Deus” (Maranata, 2021, p. 190).

“Quem é que dará seu reino a esse poder? O protestantismo, um poder que, embora professe ter a índole e o espírito do cordeiro e estar aliado com o Céu, fala com voz de dragão. Ele é impelido por um poder que vem de baixo” (MM, p. 186, 2ª edição, 2021).
(Destaque acrescentado)

Compreendendo que o decreto dominical será estabelecido pouco antes do fechamento da porta da graça, como consequência das calamidades que assolarão o planeta em escala crescente de quantidade e intensidade, deverá se entender que haverá um tempo de tolerância e pressão para que todos aceitem e se submetam ao decreto: *“ao se afastarem as pessoas cada vez mais de Deus, Satanás recebe permissão para dominar sobre os filhos da desobediência. Ele lança destruição entre os homens. Há calamidades em terra e mar. Propriedades e vidas são destruídas pelo fogo e por inundações. Satanás resolve atribuir isso aos que recusam curvar-se ante o ídolo estabelecido por ele. Seus agentes apontam para os adventistas do sétimo dia como a causa da perturbação. ‘Essas pessoas se insurgem em desafio à lei’, dizem eles. ‘Elas profanam o domingo. Se fossem compelidas a obedecer à lei para a observância dominical, cessariam esses terríveis juízos’”* (Maranata, 2021, p. 175).

“Então o grande enganador convencerá as pessoas de que os que servem a Deus é que estão causando esses males. [...] será declarado que os seres humanos estão ofendendo a Deus pela violação do descanso dominical; que esse pecado acarretou calamidades que não cessarão antes que a observância do domingo seja estritamente imposta; e que os que apresentam os requisitos do quarto mandamento, destruindo assim a reverência pelo domingo, são perturbadores do povo, impedindo sua restauração ao favor divino e à prosperidade” (GC, p. 491).

As calamidades provocadas por Satanás, criando as condições para a proclamação do decreto dominical, serão seguidas pelo fechamento da porta da graça e os sete últimos flagelos da ira de

Deus sem mistura de misericórdia para castigar os pecadores rebeldes. Como as fieis testemunhas de Deus não se submeterão ao decreto dominical, será tomada a decisão de sua condenação à morte.

“O sábado será a grande prova de lealdade, pois é o ponto da verdade especialmente contestado. Quando sobrevier aos seres humanos a provação final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do falso sábado, de acordo com a lei do Estado e de forma contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que está em oposição a Deus, a guarda do verdadeiro sábado em obediência à lei divina, será uma prova de lealdade para com o Criador. Enquanto um grupo de pessoas, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, receberá a marca da besta, outro, preferindo o sinal da obediência à autoridade divina, receberá o selo de Deus” (GC, p. 503, 504, destaque acrescentado).

Quem verdadeiramente representa o “poder que está em oposição a Deus”? Satanás ou o papado? Satanás iniciou a sua oposição ao governo de Deus e de Cristo, no Céu, e continua nessa luta na Terra, envolvendo poderes temporais e espirituais, formando o grupo de oposição a Deus e a Cristo, e recebendo a marca da besta, Satanás: paganismo, islamismo e cristianismo apostatado, e entre o último, encontra-se o papado, o protestantismo e o espiritismo.

Assim como “o sinal da obediência à autoridade divina”, por parte de seres humanos, é “o selo de Deus”, um Ser cósmico, do mesmo modo, “o sinal de submissão aos poderes terrestres, a marca da besta”, é de Satanás, um ser cósmico.

Os dois líderes do grande conflito espiritual são seres cósmicos: Cristo e Satanás. Cristo comanda os anjos leais e, Satanás comanda os seus demônios. Aqui na Terra, os dois grupos em oposição são formados por seres humanos.

“Como o sábado se tornou o ponto especial de controvérsia no cristianismo, e as autoridades religiosas e seculares se combinaram para impor a observância do domingo, a recusa persistente de uma pequena minoria em ceder à exigência popular, fará com que essa minoria seja alvo de ódio universal. Será afirmado que os poucos que permanecem em oposição a uma instituição da Igreja e lei do Estado, não devem ser tolerados; que é melhor que eles sofram do que nações inteiras sejam envolvidas em confusão e ilegalidade. [...] Esse argumento parecerá concludente e, por fim, sairá um decreto contra os que santificam o sábado do quarto mandamento, denunciando-os como merecedores do mais severo castigo e dando ao povo liberdade para, depois de certo tempo, mata-los” (GC, p. 511, 512).

“Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para eliminar a odiada seita. Ficará combinado que, em determinada noite, se dará um golpe decisivo que faça silenciar por completo a voz de discordância e reprovação” (GC, p. 527).

O decreto de morte para os leais observadores do santo sábado, dos Dez Mandamentos e a fé em Jesus, deverá ser proclamado durante o sexto flagelo. Lembrando sempre de que assim como aconteceu ao longo do grande conflito, é Satanás quem toma as decisões e determina as ações. Nesse final ele atuará como o oitavo rei.

A angústia de Jacó, o povo de Deus. O profeta Jeremias vaticina um tempo de angústia para o povo de Deus: *“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó, mas ele será salvo dela”* (Jr 30:7, NAA).

Jacó, em seu retorno de Harã para Canaã, ouvindo que Esaú, seu irmão, vinha ao seu encontro com quatrocentos homens armados, mesmo com a certeza da promessa de Deus de proteção e segurança: *“volte para a terra de seus pais, [...] e eu estarei com você”* (Gn 31:3, NVI), teve uma noite de angústia mental, espiritual e emocional no vale do ribeiro do Jaboque (Gn 32:22-32), onde lutou com Deus, suplicando o perdão do seu pecado de enganar o pai e roubar o direito de primogenitura do irmão, e por livramento da ira de Esaú.

Mesmo com a certeza de proteção e segurança, os filhos de Deus viverão a sua noite de angústia espiritual e emocional no seu vale do Jaboque, durante o período das sete últimas pragas, e mormente em face do decreto de morte.

“Embora o povo de Deus esteja rodeado de inimigos que se esforçam por destruí-lo, a angústia que sofrem não é o medo da perseguição por causa da verdade. O problema é o receio de que não tenham se arrependido de todo pecado, e de que, por causa de alguma falta, não se cumpra a promessa do Salvador: ‘Eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro’, (Ap 3:10). [...] Contudo, ao mesmo tempo em que têm uma profunda sensação de sua indignidade, os fiéis não possuem nenhuma falta oculta para revelar. Seus pecados foram examinados e apagados no Juízo; eles não podem trazê-los à lembrança” (GC, p. 514, 515).

“A hora mais negra da luta da igreja com os poderes do mal, é a que imediatamente precede o dia do seu livramento final. Mas ninguém que confie em Deus precisa temer, pois quando ‘o sopro dos opressores é como a tempestade contra o muro’ Deus será para a Sua igreja como ‘um refúgio contra a tempestade’, (Is, 25:4). Naquele dia, unicamente aos justos é prometido livramento” (PR, p. 725).

“No entanto, aos olhos humanos, parecerá que os servos de Deus logo deverão selar seu testemunho com sangue, assim como fizeram os mártires antes deles. [...] Dia e noite clamam a Deus suplicando livramento. Os ímpios se alegram, e ouve-se o grito de zombaria: ‘Onde está agora a fé que vocês tinham? Por que Deus não os livra de nossas mãos, se vocês realmente são povo Dele?’ [...] Assim como Jacó, todos estão lutando com Deus. Sua fisionomia expressa a luta interna. A palidez está estampada em cada rosto, mas não deixam de orar fervorosamente” (GC, p. 523).

“Muitos não compreendem o que devem ser a fim de viverem à vista do Senhor sem um sumo sacerdote no santuário, durante o tempo de angústia. Os que hão de receber o selo do Deus vivo, e ser protegidos, no tempo de angústia, devem refletir completamente a imagem de Jesus” (PE, p. 71).

“Essas pragas enfureceram os ímpios contra os justos, pois pensavam que nós havíamos trazido os juízos divinos sobre eles e que, se pudessem livrar a Terra de nós, as pragas cessariam. Saiu o decreto para matar os santos, o que fez com que estes clamassem dia e noite por livramento. Esse foi o tempo da angústia de Jacó. Então todos os santos clamaram com angústia de espírito e alcançaram livramento pela voz de Deus” (PE, 36, 37).

“Vi então os principais homens da Terra consultando entre si, e Satanás e seus anjos ocupados em redor deles. Vi um impresso, espalhado nas diferentes partes da Terra, dando ordens para que se concedesse ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matar os santos, a menos que estes renunciassem à sua estranha fé, abandonassem o sábado e guardassem o primeiro dia da semana” (PE, p. 282).

“Se as pessoas pudessem ver com visão celestial, contemplariam grupos de anjos magníficos em poder ao redor daqueles que obedeceram à exortação de Cristo para que fossem perseverantes. Com ternura e compaixão, os anjos têm testemunhado sua angústia e ouvido suas orações. Estão à espera da ordem de seu Comandante para os tirar do perigo. [...] Porém ninguém pode passar pelos poderosos guardas posicionados ao redor dos que são fiéis. Alguns são atacados ao fugir das cidades e povoados. Mas as espadas levantadas contra eles se quebram e caem frágeis como a palha. Outros são defendidos por anjos em forma de guerreiros” (GC., p. 523, 524).

Quando a sexta praga é lançada sobre a Terra, prepara-se *“o caminho para os reis que vêm do Oriente”* (Ap 16:12, NVI), e ouve-se dos céus a poderosa e triunfante proclamação de Jesus: *“eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha”* (Ap 16:15, NVI).

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos

quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:30, 31, NVI).

Assim como aconteceu no Egito, quando durante a escuridão da meia noite o anjo destruidor elevou ao máximo o poder da angústia dos egípcios com a morte dos primogênitos, e os israelitas partiram da opressão do cativeiro para a liberdade preparada por Deus, do mesmo modo, na meia noite das últimas pragas, a angústia dos ímpios atingirá a sua culminância com a manifestação da vinda *“do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão”,* porque o seu fim inexorável chegou.

Mas naquela noite, raiará a manhã gloriosa da redenção eterna para todos os que estão sob o abrigo do sangue do Cordeiro, a graça protetora e redentora de Deus. A angústia de Jacó, a incerteza mental de garantia de proteção e livramento se transformará na explosão de júbilo eterno porque o Redentor está chegando: *“mas, naquele tempo, o povo de Deus será salvo, todo aquele que for achado inscrito no livro” (Dn 12:1, NAA).*

“Depois disso ouvi nos céus algo semelhante à voz de uma grande multidão, que exclamava: ‘Aleluia! A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus. [...] Então ouvi algo semelhante ao som de uma grande multidão, como o estrondo de muitas águas e fortes trovões, que bradava: ‘aleluia!, pois reina o Senhor, o nosso Deus, o Todo-poderoso. Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos e dar-lhe glória! Pois chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou”’ (Ap 19:1-7, NVI).

Sétima trombeta e a sétima praga. As visões do profeta João no livro do Apocalipse, não seguem uma ordem cronológica rigorosa.

Algumas vezes está relatando uma visão até determinado momento, para interrompe-la e introduzir outra visão.

Depois de relatar os acontecimentos da sexta trombeta e da sexta praga, e, antes de descrever o toque da sétima trombeta, o profeta relata duas visões sobre acontecimentos muito importantes, mas que cronologicamente retrocedem no tempo. No capítulo 10, os acontecimentos estão relacionados com o grande desapontamento das testemunhas fiéis de Deus ocorrido na década de 1840, que receberam a comissão de profetizar de novo (Ap 10:11), pregando o evangelho eterno para todos os povos.

No capítulo 11, a visão retrocede para o período dos mil duzentos e sessenta anos, de 538 até 1798, durante os quais Satanás com os seus instrumentos oprimiu os santos do Altíssimo e com os seus artifícios de maldade tentou destruir as duas testemunhas de Deus, as Sagradas Escrituras.

Na visão de Apocalipse 10, o profeta João relata a proclamação de um anjo, relacionada com o tocar da sétima trombeta, com as seguintes palavras: *“Então o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há, dizendo: Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, então se cumprirá o mistério de Deus, como ele anunciou aos seus servos, os profetas”* (Ap 10:5-7, NAA).

Quem é esse anjo que faz essa importante e poderosa proclamação? No início da visão o profeta revela que viu *“outro anjo poderoso, que descia dos céus. Ele estava envolto numa nuvem, e havia um arco-íris acima de sua cabeça. Sua face era como sol, e*

suas pernas eram como colunas de fogo. [...] e deu um brado como o rugido de um leão” (Ap 10:1-3, NVI).

Em visões anteriores o profeta relata que Jesus *“vem com as nuvens”* (Ap 1:7, NVI); que *“um arco-iris, parecendo uma esmeralda, circundava o trono”* (Ap 4:3, NVI); que *“seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas [...] Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor”* (Ap 1:15, 16, NVI);

O profeta ainda adiciona que ouviu *“uma voz dos céus, que disse: ‘sele o que disseram os sete trovões’. [...] Depois falou comigo mais uma vez a voz que eu tinha ouvido falar dos céus: ‘vá, pegue o livro aberto que está na mão do anjo”* (Ap 10:4, 8, NVI).

O profeta também revela que, voltou-se *“para ver quem falava comigo. [...] Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: ‘não tenha medo. Sou Aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo”* (Ap 1:12, 17, 18, NVI).

Todos esses detalhes revelam que o *“outro anjo poderoso (que ordenou para o profeta): ‘é preciso que você profetize de novo”* (Ap 10:1, 11, NVI), é o próprio Senhor Jesus Cristo.

Jesus argumentou com muita clareza de que o final determinado para o domínio da temporalidade do pecado, pertence unicamente a Deus, o Pai: *“quanto ao dia e a hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos, nem o Filho, senão somente o Pai”* (Mt 24:36, NVI). É *“o mistério de Deus”*.

Entretanto, Deus, a Trindade, sabe com exatidão o momento quando irá intervir nos acontecimentos atuais do nosso mundo, para dar fim à história da temporalidade do pecado e restabelecer neste

planeta o Seu Reino, que em todo o Universo é de eternidade a eternidade, onde habita a justiça, o amor e a graça. .

O profeta Habacuque, em visão similar, queixou-se a Deus por não compreender com clareza todos os Seus desígnios: *“por que ficas calado enquanto os ímpios devoram os que são mais justos que eles?”* Todavia, em meio às suas incertezas decidiu ficar leal a Deus e atento à Sua voz: *“ficarei no meu posto de sentinela e tomarei posição sobre a muralha, aguardarei para ver o que o Senhor me dirá e que resposta terei à minha queixa”*. E Deus respondeu: *“então o Senhor me respondeu: [...] Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que demore, espera-a; porque ela certamente virá e não atrasará”* (Hc 1:13, 2:1-3, NVI). A última frase é assim traduzida na “Tradução Ecumênica da Bíblia”: *“porque virá sem falta, sem adiar”*.

O programa do plano da redenção, estabelecido por Deus na eternidade, não sofre mudanças pelas interferências de Satanás, ou pela indiferença ou ansiedade de seres humanos: *“nem homens ímpios nem demônios podem impedir a obra de Deus ou excluir Sua presença de Seu povo”* (GC, p. 441).

Sem adiantamento e sem tardança, o fim do domínio de Satanás e do pecado, chegará no momento determinado. Esse não é um momento aleatório, mas definitivamente estabelecido. Ele não falhará. Mas é da inteira competência de Deus. É inútil e tola toda a especulação humana.

Provavelmente, considerando que depois de Jesus dizer para o profeta: *“já não haverá demora”*, e a seguir declarar que, quando o sétimo anjo soar a sua trombeta, se cumprirá *“o mistério de Deus”*, a melhor tradução seria: *“não haverá tardança”*.

O profeta Daniel é conclusivo: *“porque o fim virá no tempo determinado”* (Dn 11:27, NAA). No Salmo 75:2 é feita esta declaração relativa à intervenção de Deus nos destinos da história da humanidade: *“Tu dizes: Eu determino o tempo em que julgarei com justiça”* (NVI).

Os vinte e quatro anciãos se unem a essa proclamação de vitória exaltando a justiça do julgamento de Deus: *“Os vinte e quatro anciãos que estavam assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre os seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: ‘graças te damos, Senhor Deus todo-poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e começaste a reinar. As nações se iraram; e chegou a tua ira. Chegou o tempo de julgares os mortos e de recompensares os teus servos, os profetas, os teus santos e os que temem o teu nome, tanto pequenos como grandes, e destruir os que destroem a terra’”* (Ap 11:16-18, NVI),

Todos os acontecimentos do plano da redenção têm momento marcado e certo para ocorrer no cronograma de Deus. Assim, o grandioso momento da intervenção de Deus em nosso planeta dominado por Satanás e pela temporalidade do pecado, tem hora marcada no cronograma de Deus e ele acontecerá sem adiantamento e sem tardança.

Ante a proximidade do dia da Sua morte, Jesus declarou para os Seus discípulos: *“chegou a hora de ser glorificado o filho do homem”* (Jo 12:23, NVI).

Na noite da Sua prisão no jardim do Getsêmani, declarou de que esse momento marcado chegou: *“Basta! Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores”* (Mc 14:41, NVI).

Comentando a resposta de Jesus para a Sua mãe, é dito em “O Desejado de Todas as Nações”: *“todo ato da vida de Cristo na Terra era cumprimento do plano que existira desde os dias da eternidade. Antes de vir à Terra, o plano jazia perante Ele, perfeito em todos os seus detalhes. Ao andar entre os homens, porém, era guiado passo a passo pela vontade do Pai. Não hesitava em agir no tempo designado. Com a mesma submissão esperava até que houvesse chegado a oportunidade”* (DTN, p. 147).

Antes de soar a sétima trombeta anunciando a execução dos atos da sétima praga, o anjo que estava *“em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre”* (Ap 10:5, 6, NVI), que o fim do grande conflito cósmico espiritual aconteceria na *“hora”* determinada em *“cumprimento do plano que existira desde os dias da eternidade. [...] Perfeito em todos os seus detalhes”* (DTN, p. 147). Não haverá tardança.

“Seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra seca, mostra a parte que está desempenhando nas cenas finais do grande conflito com Satanás. Essa posição denota Seu supremo poder e autoridade sobre toda a Terra. O conflito se tornou mais forte e decidido de século em século, e continuará assim até as cenas conclusivas, quando a magistral atuação dos poderes das trevas atingir seu clímax [...]” (MM, 2002, p. 344).

Depois dessas visões, o profeta retoma à visão das sete trombetas, descrevendo a sétima trombeta que anuncia a vitória completa de Cristo sobre o “suposto” reino de Satanás: *“O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve fortes vozes nos céus que diziam:*

‘O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre’ (Ap 11:15, NVI).

Deus, Soberano do Universo. Ao toque da sétima trombeta um espetáculo grandioso, extraordinário abre-se perante os habitantes deste mundo e de todo o Universo, confirmando com a segunda poderosa manifestação a Soberania e o poder de Deus, assim descrito por João: *“então foi aberto o santuário de Deus nos céus, e ali foi vista a arca da sua aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo”* (Ap 11:19, NVI).

Com a segunda poderosa manifestação da Soberania e do poder de Deus, proclamada do santuário dos Céus, onde se encontra o Seu trono, a arca da Sua aliança eterna é aberta, manifestando para o mundo e para o Universo o único e verdadeiro Soberano e apresentando o documento da carta magna de Sua autoridade única: a Sua eterna e imutável lei que rege todo o Universo.

Para assombro e pavor de todos os pecadores rebeldes e irreconciliáveis, essa manifestação acontece justamente na noite determinada para exterminar todos aqueles que professam total fidelidade na observância do santo sábado e da santa e eterna lei de Deus: *“Com brados de triunfo, zombaria e maldições, pessoas más se aglomeram, prestes a atacar a presa, quando, uma densa escuridão, mais intensa do que as trevas da noite, cai sobre a Terra. Então o arco-íris, resplandecendo com a glória do trono de Deus, atravessa o céu e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas param de repente. Seus gritos de zombaria silenciam. O alvo de sua ira sanguinária é esquecido. Com terríveis pressentimentos contemplam o símbolo da aliança de Deus,*

desejando colocar-se sob o amparo de seu esplendor insuperável” (GC, p. 527).

“Aparece então no céu uma mão segurando duas tábuas de pedra sobrepostas. O profeta escreveu: ‘Os céus anunciam a Sua justiça, porque é o próprio Deus que julga’ (Sl 50:6). [...] E os dez preceitos divinos, breves, abrangentes e cheios de autoridade, são apresentados à vista de todos os habitantes da Terra” (GC, p. 530).

No final da sexta praga, Satanás tentará contrafazer a pessoa e a volta de Cristo, proclamando a mudança do santo sábado para o domingo.

No entanto, ao toque da sétima trombeta aparece perante o Universo a gloriosa verdade da eternidade e da imutabilidade da santa lei de Deus que rege todo o Universo, revelando a santidade e a eternidade do santo sábado com destaque, e Satanás é desmascarado.

O segundo ai. Com os acontecimentos do sexto flagelo e com os primeiros acontecimentos do sétimo, cumpre-se o segundo ai proclamado pela *“águia”* ao final da quarta trombeta.

No seu relato em Apocalipse 11:14, o profeta João coloca o fim do segundo ai passados os mil duzentos e sessenta anos da opressão de Satanás aos filhos do Altíssimo, depois de as duas testemunhas subirem para o Céu e antes do toque da sétima trombeta (Ap 11:15). Portanto, no final da sexta trombeta e da sexta praga e culminando com acontecimentos ao soar da sétima trombeta e a sétima praga.

Nesse contexto, o segundo ai começa com a ordem da intervenção do exército de Deus ao toque da sexta trombeta que

determina a morte de *“um terço da humanidade, [...], mas apenas aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:18, 4, NVI).

“O sexto anjo tocou a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das pontas do altar de ouro que está diante de Deus. Ele disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: ‘solta os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’ Os quatro anjos que estavam preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço da humanidade (Ap 9:13-15, NVI). [...] *Aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem* (Ap 16:2, NVI).

Os exércitos de Deus entram em ação e *“um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas”* (Ap 9:18, NVI). O restante da humanidade que não é morto, sofre as consequências de todas as pragas precedentes, procurando a *“morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI).

O aniquilamento de criaturas modeladas a imagem e semelhança de Deus e que haviam sido criadas para a Sua glória (Is 43:7), mas que Satanás corrompeu com os seus conceitos de engano, formando seu “suposto” reino, constituem a razão do segundo ai, o segundo lamento da tristeza de Deus. *“Juro pela minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, que não tenho prazer na morte dos ímpios”* (Ez 33:11, NVI).

A destruição das lideranças espirituais. Tal como aconteceu com as pragas que destruíram o Egito, exercendo o seu poder destruidor em ordem crescente, onde, com a sétima praga da chuva de granizo, muitos egípcios morreram, mas os que permaneceram vivos não se arrependeram nem reconheceram a soberania de Deus, assim também, a morte de um terço dos súditos do reino de Satanás,

aumentará a determinação de executar o decreto de morte dos santos, convictos de que estes são os culpados de todos os flagelos, inclusive da morte súbita e sem explicação de milhões de seres humanos.

“Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para eliminar a odiada seita. Ficarà combinado que, em determinada noite se dará um golpe decisivo que faça silenciar por completo a voz de discordância e repreensão” (GC, p. 527).

Entretanto, quando multidões se organizam para executar o decreto, com o sétimo flagelo, é revelado para o mundo e para o Universo, a eterna e imutável lei de Deus com a santidade do sábado em destaque. Diante desse espetáculo majestoso nos céus, o povo compreende que foi enganado pela liderança espiritual, e *“esquecendo o objeto de sua ira sanguinária”*, os fiéis observadores da lei e do santo sábado de Deus, volta-se contra os seus líderes espirituais: *“O povo vê que foi iludido. Um acusa o outro de tê-lo levado à destruição; mas todos se unem em acumular suas mais amargas condenações contra os líderes religiosos. [...] As multidões estão cheias de furor. Exclamam: ‘Estamos perdidos! E vocês ‘são causa de nossa ruína’, e voltam-se contra os falsos pastores. Aqueles que mais os admiravam, pronunciarão as mais terríveis maldições sobre eles. As mesmas mãos que os coroavam com honraria se levantarão para destruí-los. As espadas que deveriam matar o povo de Deus são agora empregadas para exterminar seus inimigos. Por toda parte há contenda e morticínio”* (GC. P.543).

Essa fúria incontida será lançada contra as lideranças de todo o falso sistema de culto e adoração, matando e destruindo tudo o que representa este sistema preparado e organizado por Satanás para

enganar. Assim, o segundo ai começa com a destruição completa da terça parte da humanidade, *“apenas aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9: 4, NVI), e termina com o terrível morticínio das falsas lideranças espirituais.

Esse dia de extermínio das falsas lideranças espirituais, seguido da libertação do povo de Deus, encontra um simbolismo na morte de Hamã e a libertação dos judeus, ocorrida na Medo-Pérsia, sob o reinado de Assuero, Xerxes: *“assim Hamã morreu na forca que tinha preparado para Mardoqueu. [...] Para os judeus foi uma ocasião de felicidade, alegria, júbilo e honra”* (Et 7:16 e 8:16, NVI).

O mais impressionante nessa manifestação de ira e destruição, é que Satanás, que oculto por traz do falso sistema de culto e adoração, enganou governantes e súditos, se une às multidões enfurecidas, de forma visível, e se apresentando como o verdadeiro líder temporal e espiritual.

“Passou o seguindo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai” (Ap 11:140, NAA).

Do Oriente vem os Reis. Quando os pecadores enganados por Satanás, por meio de seus falsos líderes espirituais, estão executando a sua ira destruidora contra suas lideranças, no Oriente surge o poderoso e glorioso exército comandado por Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores: *“Em meio ao céu agitado, há um espaço claro de glória indescritível, de onde vem a voz de Deus com o som de muitas águas, dizendo: ‘Está feito’.* (Ap 16:17). [...] Logo surge no oriente uma pequena nuvem escura, aproximadamente do tamanho da metade da mão de um homem. É a nuvem que envolve o Salvador, e que, a distância, parece estar cercada pela escuridão. O povo de Deus sabe que esse é o sinal do

Filho do Homem. [...] Jesus, na nuvem, avança como poderoso vencedor. [...] Com hinos de melodia celestial, os santos anjos, em vasta e inumerável multidão, acompanham-No em Seu trajeto. O firmamento parece estar cheio de seres resplandecentes – ‘milhões de milhões e milhares de milhares’ (Ap 5:11). Nenhuma caneta consegue descrever essa cena; mente mortal alguma tem a capacidade de imaginar seu esplendor. ‘Sua glória cobre os céus, e a Terra se enche do Seu louvor. O Seu esplendor é como a luz’. (Hc 3:3, 4” (GC, p. 528, 531).

Foi do oriente, do leste, que Deus iluminou este mundo à Sua poderosa ordem: que a luz brilhe (2Co 4:6), e do oriente amanheceu o primeiro dia, rompendo as trevas abismais que envolviam o planeta. É do oriente que virá o Rei do Sol da Justiça com o Seu poderoso exército de anjos para resgatar todos aqueles que se mantiveram fiéis aos princípios do Seu Reino e decididamente confiantes em Sua gloriosa promessa de libertação do território do inimigo: este mundo envolvido pela escuridão do domínio de Satanás e da temporalidade do pecado, e destruir todos os que rejeitaram a Sua Soberania (Mt 21:33-46).

O profeta declara que o caminho é preparado para “os reis que vêm do Oriente”. Por que usa o plural? Compreendendo que as três pessoas da Trindade formam uma unidade perfeita, as três exercem o atributo de sua Trina Soberania do Universo. Na criação do Universo e posteriormente na Terra, as três pessoas planejaram e executaram todo o cronograma estabelecido em perfeita harmonia e unidade de ações. A primeira e poderosa declaração de Moisés abrindo o relato da criação, é profundamente reveladora: “no

princípio Deus criou” (Gn 1:1) Deus, “*Eloim*”, o plural de “*El*”. Como dizendo: no princípio a Trindade criou.

No desenvolvimento do plano da salvação as três pessoas da Trindade estão indivisivelmente unidas. Assim acontecerá quando a Trindade vier em majestade e glória para executar a redenção. Os reis virão do oriente para buscar a noiva para a gloriosa cerimônia do casamento do Cordeiro.

Jesus falando de Sua segunda vinda, advertiu seus acusadores: “*mas eu digo a todos vós: chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu*” (Mt 26:64, NVI). Por essa declaração compreende-se que Jesus não virá sozinho.

O brado da vitória. O sétimo anjo derrama a sua taça no ar e do santuário ouve-se forte voz com o brado de vitória: “*está feito*” (Ap 16:17, NVI).

Na sua sequência, as pragas são lançadas sobre a terra, sobre o mar, sobre os rios e as fontes de águas, sobre o sol, sobre o trono da besta, sobre o grande rio Eufrates e a sétima é lançada pelo ar.

A grande Babilônia espiritual também receberá a recompensa da sua prostituição sob o impacto de uma terrível tempestade de granizo com enormes pedras caindo sobre os homens: “*a grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações se desmoronaram. Deus lembrou-se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da sua ira. Todas as ilhas fugiram, e as montanhas desapareceram. Caíram sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos*

cada; eles blasfemaram contra Deus por causa do granizo, pois a praga fora terrível” (Ap 16:19-21,0 NVI).

“Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos – todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: caíam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?” (Ap 6:15-17, NVI).

Assim como aconteceu durante o dilúvio, quando “o próprio Satanás, obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu por sua existência (PP, p. 71), do mesmo modo, ao soar da sétima trombeta e o clangor dos elementos da natureza sob a ação da sétima praga, a humanidade impenitente e condenada, apelará a esses mesmos elementos por proteção, mas será destruída. Satanás e seus demônios temerão por sua existência. “*Demônios reconhecem a divindade de Cristo e tremem diante de Seu poder*” (GC,. P. 529).

Com a sétima praga e o glorioso acontecimento da volta de Jesus, “o restante da humanidade que não morreu por essas pragas: [...] fogo, fumaça e enxofre”, lançado pelos anjos, o poderoso exército de Deus, (Ap 9:20, 18, NVI), será destruída pela ação determinada da ordem proclamada pela sétima trombeta e a execução da sétima praga: “*está feito!*”

Enquanto os seis primeiros flagelos atingem alvos definidos do “suposto” reino de Satanás, o sétimo flagelo tem como objetivo destruir totalmente este reino, reduzindo ao pó todo o seu esplendor e toda a sua glória, e proclamando que as missões da batalha foram totalmente consumadas: “*está feito*”, que é complementada com a

terceira poderosa manifestação da Soberania e do poder de Deus, como confirmação da vitória sobre o inimigo: *“houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra”* (Ap 16:18, NVI).

As três manifestações da Soberania e do poder de Deus, são semelhantes em sua magnitude em relação ao que aconteceu no monte Sinai, quando Deus proclamou a eterna Lei do Seu governo perante os israelitas: *“ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e raios, uma densa nuvem cobriu o monte, e uma trombeta ressoou fortemente. [...] Vendo-se o povo diante dos trovões e dos relâmpagos, e do som da trombeta e do monte fumegando, todos tremeram assustados”* (Êx 19:16 e 20:18, NVI).

“Desde que o ser humano foi criado, nunca se testemunhou manifestação de poder divino como a que houve quando a lei foi proclamada do Sinai. [...] Por entre os maiores cataclismos da natureza, a voz de Deus, semelhante a uma trombeta, foi ouvida da nuvem. A montanha se abalou da base ao topo e as hostes de Israel, pálidas e tremendo de terror, caíram com o rosto em terra. Aquele cuja voz abalou a terra naquela hora declarou: ‘mais uma vez Eu farei tremer não só a terra, mas também o céu’ (Hb 12:26). [...] Quanto menos os transgressores de Sua lei e os que rejeitaram Sua obra expiatória conseguirão olhar para o Filho de Deus quando Ele aparecer na glória de Seu Pai, rodeado por todo o exército celestial, para executar o juízo sobre eles. [...] O dia que traz terror e destruição aos transgressores da lei de Deus trará aos obedientes ‘alegria indescritível e cheia de glória’ (Maranata, 2021, p. 38).

Todavia, as manifestações no início e no final das sete trombetas e das sete pragas são mais poderosas, porque não manifestam somente a gloriosa Soberania de Deus, a grandeza da Sua justiça, a imensidade do Seu amor, a magnanimidade da Sua graça, como foi no monte Sinai, mas também a irretocável execução dos Seus justos juízos sobre o reino de Satanás, proclamando a vitória total de Cristo.

“O universo inteiro foi testemunha das cenas do Sinai. Nos efeitos das duas administrações viu-se o contraste entre o governo de Deus e o de Satanás. De novo os habitantes de outros mundos, onde o pecado não entrou, viram os resultados da apostasia de Satanás e o tipo de governo que ele teria estabelecido no Céu, caso lhe houvesse sido permitido exercer o domínio” (PP, 284).

Prisão de Satanás e seus demônios. O reino de esplendor e glória de Satanás, estará totalmente destruído ao final da sétima praga, porém, Satanás e seus demônios, incluindo os que foram soltos do Abismo durante a quinta praga, que ficaram completamente paralisados em meio a tempestade de granizo (Ap 16:21), serão todos aprisionados no Abismo: *“vi descer dos céus um anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos” (Ap 20:1, 2, NVI).*

“Olhei para a terra, e ela era sem forma e vazia; para os céus, e a luz tinha desaparecido. Olhei para os montes e eles tremiam; todas as colinas oscilavam. Olhei, e não havia mais gente; todas as aves do céu tinham fugido em revoada. Olhei, a terra fértil era um

deserto; todas as suas cidades estavam em ruínas por causa do Senhor, por causa do fogo da sua ira” (Jr 4:24-26, NVI).

Confinado ao planeta Terra, sem uma criatura viva para enganar, Satanás e seus demônios estarão simbolicamente totalmente amarrados pela corrente das circunstâncias.

A batalha final do Armagedom. Ao final dos mil anos, Satanás e seus demônios serão soltos com a ressurreição de todos os rebeldes contra a graça de Deus e que foram mortos pelo poder letal da sexta e da sétima pragas, pela poderosa ação dos exércitos do Senhor. Também, todos aqueles que ao longo dos milênios, morreram em rebelião contra o governo de justiça e de amor do Deus eterno e rejeitaram a Sua oferta da dádiva da graça perdoadora e justificadora por meio de Cristo Jesus, ressurgirão na segunda ressurreição.

Soltos, Satanás e seus demônios sairão *“para enganar as nações (dos ímpios ressurretos) que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a batalha. [...] Então os três espíritos os reuniram no lugar que, em hebraico, é chamado de Armagedom. [...] Seu número é como a areia do mar. As nações (sob o comando de Satanás e seus demônios) marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou”* (Ap 20:8, 16:16 e 20:8, 9, NVI).

O exército de Satanás, os espíritos de demônios, seus agentes, que vem do Abismo ao final dos mil anos de sua prisão (Ap 20:1), reúnem os seres humanos ressurretos, para, unidos ao exército dos demônios, se envolver *“em sua última luta contra o governo do Céu”* (GC, p. 518).

O apóstolo Paulo declarou que *“a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais”* (Ef 6:12, NAA).

“Os dominadores deste mundo tenebroso”, que durante milênios guerrearam contra o Reino de Cristo, oprimiram e mataram os santos do Altíssimo, estarão enfrentando o momento de sua justa e inquestionável condenação: *“Tu és justo, tu, o Santo, que és e que eras, porque julgaste todas as coisas; [...] verdadeiros e justos são os teus juízos”* (Ap 16:5, 7, NVI).

O toque da quinta trombeta determina o fim, o aniquilamento total do autor da iniquidade e da injustiça, mas que se consumará no final dos mil anos de sua prisão: *“você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:12, 14,15, NVI). *“Pela multidão das suas iniquidades, pela injustiça do seu comércio, você profanou os seus santuários. Por isso, fiz sair do meio de você um fogo que o consumiu; eu o reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que o contemplam. [...] Você se tornou objeto de espanto e deixará de existir para sempre”* Ez 28:6-19, NAA).

Toda a *“ira de Deus”,* executando com a sua eterna justiça o aniquilamento do pecado, envolve o autor do pecado, Lúcifer, que se transformou em Satanás, o inimigo de Deus, os anjos caídos, transformados em demônios e todos os pecadores, que enganados por Satanás e seu exército, rejeitaram o amor e a graça de Deus. *“No*

dia da ira do Senhor. No fogo do seu zelo o mundo inteiro será consumido, pois ele dará fim repentino a todos os que vivem na terra. [...] Não sobrarão raiz ou galho algum” (Sf 1:18, MI 4:1, NVI).

Satanás e seus demônios somente serão destruídos na grande batalha final do Armagedom, quando todos os ímpios, ressuscitados na segunda ressurreição, também sofrerão a condenação da segunda morte, a morte eterna, lançados *“no lago de fogo que arde com enxofre* (Ap 20:10, NVI), *“preparado para o Diabo e seus anjos”* (Mt 25:41, NVI). *“Esta é a segunda morte: o lago de fogo”* (Ap 20:14, BJ), que determina o fim do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

Toda essa destruição será realizada por Deus, que é perfeito amor e perfeita justiça. Quando Deus *“realizar (essa) sua obra, obra muito estranha, e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa”* (Is 28:21, NVI), a fará com Sua justa ira contra o pecado, mas com o coração afligido pela destruição daqueles que criou para glorificá-Lo.

“A justiça tem uma irmã gêmea – o amor” (OC, p. 262). *“Em toda a Bíblia, Deus é apresentado não somente como um Ser de misericórdia e benignidade, mas também como um Deus de rigorosa e imparcial justiça”* (EF, p. 207).

Deus odeia o pecado, mas o Seu coração *“é cortado”* (Gn 6:6, NVI), quando criaturas, trazendo em si *“o modelo da perfeição”* (Ez 28:12, NAA), ou criadas à Sua imagem e semelhança em todos os atributos comunicáveis do Seu Ser, para glorificá-Lo, são dominadas pelo poder corruptor do pecado.

“As lágrimas agonizantes de Cristo não foram derramadas apenas por Jerusalém. Ele chorou ao pensar na terrível retribuição que sobrevirá ao mundo impenitente” (MM, 2022, p. 239)

Três majestosas manifestações do poder de Deus. As três poderosas proclamações da Soberania e do poder de Deus, são três majestosos momentos no final do grande conflito cósmico espiritual contra o reino de Satanás, em uma sequência crescente, com gloriosas manifestações de Deus, da Sua Soberania, do Seu poder e da Sua autoridade como o único que é digno de adoração, porque Ele é justiça e amor.

A primeira manifestação é feita assim que a proteção é garantida para os santos, o castigo é determinado contra os perversos, a porta da graça é fechada e antes de soar a primeira trombeta: *“houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:3-6). A segunda manifestação acontece quando ao toque da sétima trombeta é aberto o santuário nos céus, e com toda a sua glória aparece a arca da Sua aliança eterna, com as duas tábuas da santa, eterna e imutável lei de Deus, diante de toda a humanidade, todas as hostes demoníacas e o infinito e grandioso Universo de Deus: *“houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo”* (Ap 11:19, NVI). A terceira e final manifestação da Soberania e do poder de Deus acontece quando o sétimo anjo derrama a sua taça destruidora e determina a destruição completa do autor da temporalidade do pecado e dos pecadores rebeldes e impenitentes: *“houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra”* (Ap 16:18, NVI).

Novos céus e nova Terra. Por meio do profeta Jeremias, Deus declarou: *“assim diz o Senhor: ‘Toda esta terra ficará devastada, embora eu não vá destruí-la completamente’”* (Jr 4:27, NVI). E Isaías complementa: *“pois vejam! Criarei novos céus e nova terra, e as coisas passadas não serão lembradas. Jamais virão à mente!”* (Is 65:17, NVI). O apóstolo Pedro fez a poderosa declaração: *“todavia, de acordo com a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça”* (2Pe 3:13, NVI). 0